

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA COM ÊNFASE EM LEITURA E
ENSINO DA BÍBLIA**

ALESSANDRO MARTINS GOMES

A RELAÇÃO ENTRE DEUS, TERRA E HUMANIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES
COM A DIGNIDADE DO SER HUMANO

São Leopoldo

2012

ALESSANDRO MARTINS GOMES

A RELAÇÃO ENTRE DEUS, TERRA E HUMANIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES
COM A DIGNIDADE DO SER HUMANO

Trabalho Final de Mestrado Profissional
para obtenção do grau de Mestre em
Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Leitura e Ensino da
Bíblia.

Orientador: Carlos Arthur Dreher

São Leopoldo

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G633r Gomes, Alessandro Martins

A relação entre Deus, terra e humanidade e suas implicações com a dignidade do ser humano / Alessandro Martins Gomes ; orientador Carlos Arthur Dreher. – São Leopoldo : EST/PPG, 2012. 77 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Antropologia teológica. 2. Ecologia humana – Aspectos religiosos. 3. Terra (Planeta) – Aspectos religiosos. 4. Deus – Ensino bíblico. 5. Shabat. 6. Ano jubilar (Judaísmo). I. Dreher, Carlos Arthur. II. Título.

*A Mônica Cordovil,
Anjo que Deus disfarçou de mulher e pôs ao meu lado,
cuja piedade me desafia a querer mais conhecer o
coração do Rei dos Reis!
Dedico este trabalho também ao meu filho Arthur.
Sem eles esse empreendimento seria inviável.
Também aos meus pais por nos ajudarem nessa difícil jornada.*

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da vida e por me deixar conhecer um pouco mais de sua sabedoria.

Aos coordenadores do Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST/PPGs-EST: Mestrado em Teologia.

Aos professores da área de Leitura e Ensino e da área de educação que também foram de extrema importância, Prof. Me. Verner Hoefelmann, Prof. Dr. Flávio Schmitt, Prof. Dr. Emilio Voigt, Profa. Ma. Marie A.W.Krahn, Prof. Dr. Carlos Arthur Dreher, Prof. Dr. Valério Schaper, Profa. Dra. Laude Brandenburg, Prof. Dr. Remí Klein, Prof. Dr. Oneide Bobsin e Profa. Dra. Gisela Streck, pela oportunidade de crescimento, aprendizado, realização profissional e pessoal e pela confiança em mim depositada.

Ao Prof. Carlos Arthur Dreher, orientador desta dissertação, por todo empenho, sabedoria, compreensão e, acima de tudo, exigência. Gostaria de ratificar a sua competência, participação, correções e sugestões que fizeram com que concluíssemos este trabalho.

À incansável secretária do Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST/PPGs-EST Lorrany Fávaro, por sua ajuda constante em assuntos burocráticos e administrativos, por tornar possível a realização deste trabalho, sendo prestativa, dedicada e competente.

Aos Funcionários da Biblioteca da EST, por sua presteza em atender aos alunos sempre com delicadeza, boa vontade, hospitalidade, agilidade e auxílio que permitiram a realização deste estudo.

Aos amigos de turma, como Israel Gomes, Sônia Farber, Soelma Fonseca e Walter Pereira.

Aos amigos das outras áreas de pesquisa, que apesar de serem amizades tão novas se tornaram tão consistentes, como Hamilton Batista, Adilton Mendes, Dejanira Corrêa e Roberto Barroso.

A todos os meus amigos e amigas que sempre estiveram presentes me aconselhando e incentivando com carinho e dedicação.

Aos meus familiares que sempre me deram amor e força, valorizando meus potenciais.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a execução dessa dissertação de Mestrado.

*E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança;
e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e
sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.*

Gn 1.26

RESUMO

Uma análise da relação entre Deus, terra e homem e suas implicações com a dignidade do ser humano. A primeira parte aborda o entendimento do objetivo e do propósito da criação do homem, incluindo principalmente o domínio que Deus lhe delega logo após sua criação, e como esse domínio foi perdido. Esses objetivos são vistos a partir de três perspectivas: a relação entre Deus e terra, entre Deus e homem e entre homem e terra. Aborda também a importância do entendimento das particularidades da criação do homem, principalmente com relação à sua distinção em relação aos outros seres criados: ser criado à imagem e semelhança de Deus. E, também, as implicações da relação entre o homem e a terra e o que ambos possuem em comum. Deus criou a terra para o homem, e este passou a habitá-la e tirar dela seu sustento, e, mesmo tendo o homem caído e perdido o domínio, Deus permaneceu imutável na sua promessa feita a Abraão. A segunda parte aborda as leis criadas para reger o uso da terra pelo homem, visto que o homem necessita viver em sociedade, tal observação se faz necessária. Para isso, analisam-se as leis presentes na Torá, e, principalmente o *sabá*, como sábado e como ano sabático; e o ano do jubileu. Esses preceitos de Deus mostram a importância da terra para o povo de Israel e para Deus. Na terceira parte observar-se também a implicação dessa relação tão abrangente na dignidade do ser humano, e como o livro de Rute nos dá exemplos tão simples e profundos da superação de problemas tão complexos vividos pelo povo naquela época. A posse de terra é um dos grandes, senão o maior, dos problemas sociais vividos pela humanidade desde os tempos antigos, e uma das áreas que tem sido mais disputada no mundo é a terra da Palestina no Oriente Médio. Portanto, essa pesquisa é importante e necessária para se chegar ao elo da relação entre Deus, terra e homem com a dignidade do ser humano.

Palavras-chave: Deus. Terra. Humanidade. Dignidade.

ABSTRACT

An analysis of the relation between God, land and the mankind and their involvement with the human being's dignity. The first part broaches the understanding of the aim and the purpose of the creation of the human being, including mainly the power that God delegate to the human being shortly afterwards their creation, and how this power was lost. These aims are see starting from three views: the relation between God and land and God and the mankind and between the mankind and the land. It broaches too the importance of the understanding of the peculiarity of the mankind creation, mainly regarding to your distinction with reference to the others being created: Be created in image and likeness of God. And, also, the implications of the relation between the mankind and the land and what both have in common. God created the land to the mankind, and the mankind passed to live in it and to take of it their maintenance, and in spite of the man has fallen and lost the power, God kept unchanged in his promise done to Abraham. The second part broaches the laws, made to govern the use of the land by the man witness that the man needs to live in society, the remark becomes necessary. For this, we analyse the laws in Torah and meanly the Sabbath, as Saturday and such sabbatical year, and the jubilee year. These rulings of God show the importance of the land to the people of Israel and to God. In the third part notice also, the implications of this relation so ample in the human being's dignity, and as the book of Ruth gives us examples so simple and so deep of overcome so complex problems. Lived by the people on that epoch.. The possession of the land is one of the great, or the greatest social problems faced by the mankind since the old times and one of the areas that have been more disputed in the world is the Palestine land in the Middle East. Therefore, this research is important and necessary to approach the link of the relation between God, land and mankind with the human being's dignity.

Keywords: God. Land. Mankind. Dignity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A Divisão das Tribos	58
--	-----------

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1 – A estrutura da imagem de Deus em Gênesis 1	1
Diagrama 2 – A estrutura da imagem de Deus em Gênesis 1-2	4
Diagrama 3 – A estrutura da imagem de Deus em Gênesis 3	4

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A RELAÇÃO ENTRE DEUS, TERRA E HUMANIDADE	14
1.1 A relação entre Deus e terra.....	14
1.2 A relação entre Deus e homem	25
1.2.1 A humanidade como ponto culminante no auge da criação divina em Gênesis 1.26-28.....	27
1.2.2 A criação através do ponto de vista humano em Gênesis 2.4-25	29
1.2.3 A imagem distorcida em Gênesis 3.1-21.....	31
1.3 A relação entre homem e terra.....	33
2 A LEGISLAÇÃO DE ISRAEL EM RELAÇÃO AO USO DA TERRA.....	38
2.1 A Torá e seus mandamentos.....	42
2.2. Sabá.....	43
2.2.1 Sabá como sábado	44
2.2.2 Sabá como ano sabático	46
2.3 Jubileu.....	53
3 A TERRA E A DIGNIDADE DO SER HUMANO.....	58
3.1 A relação existente entre Deus, terra e humanidade na dignidade do ser humano.....	58
CONCLUSÃO	69
REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

A finalidade deste trabalho dissertativo é contribuir para a conscientização sobre os objetivos de Deus na criação do homem e da terra, incluindo o domínio que Deus dá ao homem na terra e o que isso implica na dignidade do ser humano desde os tempos do Antigo Testamento, pois tem como tema principal a relação entre Deus, terra e humanidade e suas implicações com a dignidade do ser humano.

Este trabalho teve como mola propulsora o fato de ser um assunto tão vasto de particularidades e detalhes, mas, em contrapartida, pouco discutido e pesquisado, e também, além desses motivos, é um assunto fascinante, pois irá explanar a essência da criação do homem, que é a obra-prima da criação. E, também, pelo fato de que muitos dos problemas vividos pela humanidade hoje têm sua origem em fatos ocorridos no passado, fatos estes que muitas pessoas desconhecem, pois muitos não têm interesse em sua própria história, e nem em preservá-la.

O objetivo principal é investigar esse assunto em três subtemas: a relação entre Deus, terra e humanidade, a legislação de Israel em relação ao uso da terra e a terra e a dignidade do ser humano.

O primeiro capítulo fala principalmente da relação entre Deus, terra e humanidade, desdobrando-se na relação entre Deus e terra, entre Deus e homem, e, homem e terra. Com isso, é necessário investigar o propósito de Deus ao criar o jardim do Éden e entregá-lo ao homem, para que cuidasse deste jardim e retirasse dele todo seu sustento; passando pela coragem de Abraão em deixar sua terra e sair em busca de uma terra prometida, onde pudessem novamente viver em harmonia com a terra, harmonia esta que havia sido perdida quando o homem pecou e perdeu o domínio dado por Deus quando da criação de ambos; chegando até a instituição da monarquia em Israel.

No segundo capítulo foi investigada a legislação de Israel em relação ao uso da terra, desdobrando-se nos mandamentos da Torá, o *Sabá* como sábado e como ano sabático e o Jubileu. Nessa pesquisa sobre as leis, foi observado como Deus começou a transmitir suas leis ao povo pelos profetas, e quais eram essas leis dentro da Torá

que diziam respeito à terra, tanto obrigações quanto proibições. Porém, para se chegar ao completo entendimento dessas leis, é preciso entender bem o que é *Sabá* e Jubileu. Com relação ao *Sabá*, foi vista sua importância como dia consagrado semanalmente e, também como ano sabático; e ainda, suas vertentes, quais sejam: o descanso da terra, a libertação de escravos e escravas e o perdão de dívidas ao final de cada sete anos. E, por fim o jubileu, qual era o significado do descanso da terra e o descanso do povo sob os cuidados de Deus. E ainda algumas observações sobre jubileu, como os escravos de Israel adquiriam sua liberdade e voltavam à posse de seus bens, tanto os que as tinham alienado por motivo de pobreza quanto os que as tinham vendido.

No terceiro capítulo foi investigada a implicação desse relacionamento e das leis sobre a terra com a dignidade do ser humano com enfoque no livro de Rute. Isso passa pela questão de como a posse de terra pode conferir dignidade ao homem. E, também, como a instituição da monarquia pode ter contribuído para o problema da terra para o povo de Israel. Fala também sobre algumas leis, quais sejam, a lei do Respigar, a lei do Resgate e a lei do Levirato, e como essas leis contribuíram para que as terras das famílias não se perdessem; e também, quando essas leis não funcionavam e não eram obedecidas. Também foi verificado como o livro de Rute propõe uma ampliação destas leis para que alguns dos problemas que afetavam a dignidade do povo naquela época fossem diminuídos, como a fome, a migração e a pobreza.

Quanto aos métodos e técnicas, a pesquisa foi bibliográfica, contando com uma revisão das principais obras sobre o assunto.

A elaboração da pergunta central desta dissertação foi a base para todo esse processo investigativo.

A posse de terra sempre teve uma grande importância para os povos do Antigo Testamento, pois significava sua liberdade e também o seu sustento.

Uma das áreas que mais tem sido disputada no mundo, desde os tempos mais antigos, é a terra da Palestina no Oriente Médio, devido a suas particularidades e por causa do significado da posse de terra para esses povos antigos.

A posse de terra é um dos grandes, senão o maior, dos problemas sociais vividos pela humanidade desde os tempos antigos, pois, em geral, temos uma grande

minoria detentora de grandes porções de terra e uma maioria lutando para obtê-la pelo menos para manter uma vida estável e digna.

A pergunta central que será respondida nesta pesquisa é: Qual é a relação entre Deus, terra e humanidade e suas implicações com a dignidade do ser humano?

No embasamento teórico estão incluídos entre outros, T. Desmond Alexander, que afirma com detalhes a existência dessa relação entre Deus, homem e terra. Isaltino Gomes Coelho Filho disserta bem sobre a função do homem e sobre os objetivos de Deus com a criação deste e da terra. A fim de se falar sobre a perda do domínio dado por Deus ao homem, é necessário ver sobre a Dispensação da Inocência, período sobre o qual N. Lawrence Olson disserta com detalhes. Autor indispensável na confecção deste trabalho foi Marcelo de Barros Souza, com suas diversas obras sobre terra. Milton Schwantes também foi de extrema importância, com obras sobre a História de Israel e sobre meditações em Gênesis. Carlos Dreher também está presente com diversos artigos importantíssimos sobre trabalho, escravatura e monarquia no Antigo Testamento. Vaux apresenta com muitos detalhes as leis no Antigo Testamento. Outros dois nomes de grande valia foram Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer, principalmente sobre *sabá* e jubileu. Ainda sobre este assunto discorrem também Aguielo Burin, Maria Laura Gorgulho e Ludovico Garmus. E, por fim, Carlos Mesters, que disserta com muita propriedade sobre o livro de Rute e a dependência da dignidade humana nessa relação entre Deus, terra e homem.

1 A RELAÇÃO ENTRE DEUS, TERRA E HUMANIDADE

A Relação entre Deus, terra e humanidade é uma relação bastante complexa, pois trata de assuntos referentes à criação da humanidade, da terra e da eterna existência de Deus, como criador de tudo.

Aborda-se cada item por vez, primeiramente a relação entre Deus e terra, depois a relação entre Deus e homem e, por último, a relação entre homem e terra.

1.1 A relação entre Deus e terra

“De importância fundamental é a convicção de que a terra foi criada por Deus para entendermos melhor a relação entre Deus e terra”.¹

O registro da criação do homem é elaborado no primeiro capítulo de Gênesis e é explanado no segundo capítulo, mostrando assim que Deus formou o homem do pó da terra e a forma pela qual isso aconteceu.

Dentre os domínios que Deus delegou ao homem, quais sejam, os *céus*, a *terra* e os *mares*, o mais importante é o domínio da terra. Deus delega autoridade aos seres humanos para governar a terra e suas criaturas.

Deus deu a terra ao homem para que ele a dominasse, ou seja, exercesse autoridade e poder sobre ela. A terra foi dada ao homem para que ele fosse seu cuidador, mordomo, administrador, para que a raça humana tivesse condições de sobreviver, procriar, enfim, perpetuar-se.

É importante salientar que em hebraico existem três termos que são usados para “terra”. O mais comum é *'ereš*, que em geral denota terra ou um país em particular. Já o termo *'ādāmā* geralmente significa chão ou solo. E temos também o termo *śādēh* que se refere a espaços abertos e amplos ou campo.

¹ ALEXANDER, T. Desmond. *Do paraíso à Terra Prometida: Uma introdução aos temas principais do Pentateuco*. São Paulo: Shedd Publicações, 2010. p. 46.

Desde os primeiros capítulos de Gênesis, podemos ver a importância que Deus dava ao conceito de terra.

O relacionamento único que Deus criou entre o homem e o solo é acentuado quando Deus o coloca no Jardim do Éden, um lugar criado e preparado especialmente para recebê-lo, e lhe delega a responsabilidade de cuidar dele e cultivá-lo.

E em relação à função do homem, Coelho Filho² afirma:

Deus pôs o homem no jardim do Éden, deixando-o com uma função: lavrar e guardar. É a figura do trabalho. O trabalho não é, pois, uma maldição que veio após a queda. A aspereza do trabalho é uma consequência da queda, mas o trabalho está dentro do propósito de Deus para o homem.

Isso nos mostra que Deus criou o homem para desfrutar da terra, mas precisava lavrá-la.

Coelho Filho³ ainda diz que o homem teria uma função especial, diferente de todos os outros seres: a adoração a Deus. Seria o único ser a entrar em comunhão com Deus.

A história da humanidade começa nesse jardim. Lá, nossos primeiros pais viveram na inocência, comendo prazerosa e abundantemente dos frutos e desfrutando abundantemente de plena e íntima comunhão com Deus. Nesse jardim também podemos destacar o bem-estar que eles viviam, pois lá não havia dor nem tristeza. Era tudo lindo e encantador.

O Jardim do Éden foi criado para que o homem vivesse em harmonia com a terra em uma relação de troca, ou seja, um relacionamento recíproco, o homem cuidaria dela e a cultivaria como seu administrador, e, em contrapartida, ela ofereceria tudo o que ele precisasse para sobreviver.

Deste modo, é preciso falar um pouco sobre esse período vivido pelo homem no Jardim do Éden: o período da Inocência. Esse período está inserido no século antediluviano, ou seja, da criação do homem até o dilúvio. O século antediluviano se

² COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Gênesis Bereshît: O livro dos princípios*. Rio de Janeiro: JERP, 2004. p. 35.

³ COELHO FILHO, 2004, p. 35.

divide entre dispensação⁴ da Inocência e a da Consciência. Aquela diz respeito ao período da criação do homem até sua queda⁵, e esta diz respeito ao período da queda até o dilúvio. Portanto, queremos focar aqui o período chamado de Dispensação da Inocência, o qual se inicia com a criação do ser humano e se estende até a sua queda, que é exatamente o período que o homem viveu no Jardim do Éden.

Já sabemos que Deus fez o homem dotado de livre-arbítrio, e é necessário que este seja provado, a fim de provar a Deus se o serve por amor à sua pessoa ou não.

O homem era perfeito nesse período, tanto física, quanto mental e moralmente, pois ele tinha a *glória de Deus*. “Dispensava perfeitamente todos os meios comuns da ciência, que são os livros, as escolas e a experiência. O homem sabia por intuição, e não por processos didáticos.”⁶

Essa aliança é chamada de *aliança edênica*, na qual Deus concede ao homem inteligência e capacidade de administrar, com as quais ele regeria o mundo como um representante de Deus. Nessa aliança o homem recebeu também diversas obrigações, como ocupar a terra, comer somente de ervas e frutas, guardar o Jardim do Éden e abster-se de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Essa proibição serviria para testar a obediência do homem e provar sua liberdade, uma vez que era dotado de livre-arbítrio. Estava nas mãos do homem obedecer ou não a Deus. E Deus foi bem claro, alertando-o sobre as conseqüências, caso ele desobedecesse.

Depois de um tempo, aparece a figura de Satanás, com o objetivo único de introduzir a discórdia e a quebra da harmonia num ambiente onde reinava a paz.

Porém, essa harmonia é quebrada quando Adão e Eva pecam conscientemente contra Deus, desobedecendo-lhe, quando comem do fruto da árvore do bem e do mal. Isso trouxe conseqüências que feriram esse relacionamento antes tão harmonioso, e

⁴ Conforme GONZÁLEZ, Justo. *Breve dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 94., dispensação é o nome que frequentemente se dá a cada um dos pactos que Deus estabelece com a humanidade nas Escrituras [...].

⁵ Conforme GONZÁLEZ, Justo. *Breve dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 273., queda é a distância inegável entre a vontade de Deus para a criação e para a humanidade, e a condição presente de ambas..

⁶ OLSON, N. Lawrence. *O Plano Divino através dos Séculos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. p. 51.

algumas delas são bem significativas para o tema terra, dentre as várias conseqüências em geral.

Entre estas conseqüências estão: a perda da comunhão com Deus e a perversão da natureza do homem, pois este perdeu grande parte de sua capacidade intelectual, tornou-se escravo do pecado⁷ e passou a ser conhecedor do mal. Agora vamos ver as conseqüências com relação a terra, pois esta foi amaldiçoada por causa do pecado.

Observa-se o que o capítulo três de Gênesis nos mostra a respeito disso:

No verso 17, Deus diz que a terra seria amaldiçoada, ou seja, já não produziria mais os frutos com a abundância e a exuberância de antes, o homem teria seu sustento através do suor do rosto e com muito trabalho e sofrimento. E no verso 18, Deus diz que essa tarefa ainda seria dificultada pelo fato de a terra produzir espinhos e ervas daninhas.

Nos versos 22 e 23, Deus expulsa Adão e Eva do jardim para evitar que eles tomassem também do fruto da árvore da vida e vivessem eternamente, e ainda põe um anjo e uma espada para guardarem a entrada do jardim e a árvore da vida. Coelho Filho⁸ assim diz sobre o assunto: “Mas o pior castigo é esse: o homem foi lançado fora do jardim para cuidar da terra (que lhe será hostil) e não mais do jardim de Deus”.

Pode-se inferir então, diante destas colocações, que o homem continuaria dependendo do solo para se alimentar e tirar seu sustento, porém a terra não estava mais trabalhando a seu favor como antes, pois a harmonia entre ambos fora quebrada com a entrada do pecado no mundo.

Portanto, conforme T. Desmond Alexander⁹, “como resultado da desobediência humana, a harmonia inicial entre *Deus, a humanidade e a terra* dá lugar ao alheamento”¹⁰, ou seja, foi rompida de fato, só seria restaurada a quem Deus quisesse

⁷ Conforme GONZÁLEZ, Justo. *Breve dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 244., pecado é a barreira que separa os homens de Deus, e que se interpõe entre quem somos e quem Deus deseja que sejamos. Mesmo que na linguagem comum um “pecado” seja qualquer ação contra as práticas da sociedade, a maioria da tradição cristã está consciente que pecado é tanto uma ação quanto uma condição.

⁸ COELHO FILHO, 2004, p. 53.

⁹ T. Desmond Alexander é conferencista e professor de estudos semíticos na Queen’s University em Belfast, Irlanda do Norte.

¹⁰ ALEXANDER, 2010, p. 48.

revelar-se a si mesmo, processo este que antes o homem não precisava pedir ou trabalhar para isso.

Nesse momento é quebrada a harmonia inicial entre Deus, a humanidade e a terra, por consequência da desobediência humana.

Novamente Deus mostra a importância que dá para a questão da terra, quando, pelo assassinato de Caim, lhe dá a punição de andar errante pelo mundo, sendo expulso da terra. Como Caim é descrito como agricultor, então, a partir desse momento, a terra não daria mais a ele o que antes conseguia com seu trabalho.

Entende-se agora que, a cada ato de iniquidade que o homem comete, mais ele se afasta das bênçãos que Deus lhe concedera através da terra, a qual, inicialmente tinha o propósito de alimentar o homem, e agora se torna objeto de punição.

No dilúvio, a terra também é questão de destaque, pois em Gênesis 5.28,29 diz o seguinte: “E viveu Lameque cento e oitenta e dois anos, e gerou um filho, a quem chamou Noé, dizendo: Este nos consolará acerca de nossas obras e do trabalho de nossas mãos, por causa da terra que o Senhor amaldiçoou”. Pode-se ver a esperança que há sobre Noé para que o povo tivesse sua relação com a terra restaurada por Deus através da vida de Noé, pois o texto nos mostra que Noé viria para trazer consolo e descanso ao povo que há muito estava cansado de trabalhar para poder tirar da terra seu sustento, um povo cansado de tentar extrair da terra algo que antes não era assim, se não fosse o pecado ter entrado no mundo.

Segundo Lopes¹¹, Noé é um nome de origem hebraica e significa repouso e consolo.

Deus decide então mandar o dilúvio, pois o povo havia se corrompido tanto que a terra ficava cada vez mais infértil, devido à iniquidade da humanidade, pois a terra estava tão manchada de sangue que já era quase impossível lavrá-la. Isso se confirma em Gênesis 6.7, que diz: “E disse o Senhor: Destruirei o homem que criei de sobre a face da terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito.”

¹¹ LOPES, Evandro de Souza. *Os Nomes Bíblicos e seus significados*. 15. ed. São Paulo: CPAD, 2008.

O dilúvio representa, neste ponto, uma reconstrução e uma purificação da terra, para que a mesma pudesse voltar a produzir, estando, assim, limpa da iniquidade do homem, que antes reinava sobre ela.

Porém, havia um homem que Deus não quis destruir. Em Gênesis 6.8 diz: “Noé, porém, achou graça aos olhos do Senhor”. Por isso, Deus o avisou de tudo que viria a acontecer, deu-lhe todas as instruções para que ele e toda sua família se salvassem. Enquanto não chegava o dia, Noé continuou a pregar a verdade de Deus e a avisar ao povo, mas estes eram tão incrédulos que riam de Noé e jamais imaginavam que tudo que ele pregava era verdade.

Depois, em Gênesis 8.21 diz: ... “e o Senhor disse em seu coração: Não tornarei mais a amaldiçoar a terra por causa do homem; porque a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice”...

Deus então promete nunca mais amaldiçoar a terra por causa da iniquidade do homem e faz com Noé uma aliança de que jamais destruiria novamente a terra, como mostra Gênesis 9.9-13.

Agora a terra estava purificada e já podia novamente produzir melhor, tanto que em Gênesis 9.20 diz: “E começou Noé a ser lavrador da terra, e plantou uma vinha”. Agora, sim, a terra voltaria a produzir com mais facilidade e a ter novamente sua fertilidade.

Agora se pode entender melhor o porquê do nome de Noé e seu significado, porque através dele Deus deu descanso ao povo para cultivar a terra novamente.

Após Noé, o personagem bíblico que mais se destacou foi Abraão, não só na questão da terra, mas em obediência e fé.

Com relação ao tema terra podemos destacar a grande coragem que fez com que Abraão deixasse sua terra.

Primeiramente, destaca-se a importância da terra para o povo da época de Abraão. A terra naquele período da história não significava simplesmente um terreno, um bem imóvel que pode ser trocado ou um lugar para morar, como significa para nós hoje, mas, sim, o seu local de sobrevivência, a sua morada, pois eles dependiam da terra para sobreviver, dependiam dela para tirar seu sustento.

Aqui, já de início, pode-se ver a importância do tema terra para a vida e o período que Abraão vivenciou, visto que tudo começa com seu chamamento e a promessa de uma terra aos seus descendentes.

Uma implicação muito importante do tema com Abraão é o fato de que o cumprimento dessa promessa dependia da obediência de Abraão, da sua decisão de obedecer á ordem de Deus ou não, da sua decisão de deixar ou não a sua terra e o lugar onde morava, de deixar ou não a casa de seu pai e partir para um lugar desconhecido.

Por conta dessa obediência, Abraão seria grandemente agraciado e abençoado por Deus, pois seria também pai de uma grande nação, algo de que ele já havia perdido as esperanças. Porém, a grande bênção maior seria ao povo hebreu, que ganharia finalmente a “sua terra”.

Mas porque povo hebreu? Porque a promessa de uma terra significava tanto para este povo?

Hebreu vem de uma raiz que significa atravessar ou cruzar, nome designado para viajantes. O povo que ficou conhecido como povo hebreu era formado por um grupo de pastores nômades que viviam na cidade de Ur, na Mesopotâmia.

Donner¹² fala também:

Pelo que consta no AT, “hebreu” não é uma designação que Israel tivesse utilizado preferencialmente e em todos os tempos para referir-se a si próprio. [...] Neste contexto se destaca o fato de que “hebreu”, na maioria dos casos, ou é autodesignação dos israelitas diante de estranhos ou designação para israelitas na boca de estranhos – muitas vezes com uma conotação de humildade e autodepreciação, por um lado, e de menosprezo e desprezo, por outro. [...] Esses “hapiru” não são nem um povo nem um grupo de povos, mas pessoas de origem variada situadas fora da ordem social: elementos inconstantes ou errantes com direitos restritos e muitas vezes de baixo nível econômico, foras-da-lei das cidades da Idade do Bronze que, para obter proteção e segurança para sua vida, tinham de submeter-se a uma situação de dependência ou levavam uma vida livre como ladrões e assaltantes de estrada. [...] Também não é de se excluir a possibilidade de que elementos dos “hapiru” [...] que encontravam-se na Palestina foram assimilados no que posteriormente se tornou Israel [...]. Mas isso não muda o fato de que não existiu um “povo hebreu”, que “hebreu” e “israelita” não são sinônimos e que israelitas, mesmo sendo chamados de hebreus, não devem ser identificados genericamente com os “hapiru”. Somente na época pós-exílica, sob condições modificadas, aqui e

¹² DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos: Dos primórdios até a formação do Estado*. Volume 1. 4 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 80-81.

ali “hebreus” se torna comum como designação de um povo; também os gregos e os romanos, adotando a forma palestinese-aramaica ‘*ebraya* [...].

Abraão recebeu um chamado de Deus para abandonar o politeísmo e conduzir o povo à terra prometida, e partem em 2091 a.C¹³. Deixaram uma vida em um território fixo para serem nômades, sem habitação fixa, confiados na promessa que Deus havia dado a Abraão. Nesse período, viveram errantes, sem habitação, vivendo em busca de alimentos e pastagens.

Estabeleceram-se na Palestina, território conhecido como terra de Canaã, por volta de 2000 a.C, e lá viveram por quase três séculos, e, nesse período, iniciando então, o conhecimento de um Deus único.

À primeira vista, parece que eles encontrariam uma terra boa de ser habitada e pronta para isso, mas, chegando lá, depararam-se com os cananeus.

Agora surge outra questão importante: por que Deus daria uma terra já habitada como promessa ao seu povo?

Porque o povo teria de lutar para conquistá-la.

Aqui já começa a história de grandes fugas, lutas e cativos desse povo, começando também sua luta pela terra.

Durante esses três séculos que viveram na Palestina, foram governados pelos patriarcas, quando a liderança foi sendo transferida, destacando-se Abraão, Isaque, Jacó, Moisés e Josué.

O cumprimento dessa promessa era incondicional ao povo, não dependia de nada que os homens fizessem, ou seja, isso foi decisão de Deus, foi uma promessa que fez aos patriarcas do Antigo Testamento: Abraão, Isaque e Jacó.

A terra prometida também seria um marco na história do povo hebreu, marco este da bênção de Deus ao seu povo e também para que esse povo se fizesse conhecido, sendo chamado de povo de Deus, o Deus das promessas, o Deus da terra prometida.

Uma prova de que essa promessa realmente era incondicional está registrada em Deuteronômio 9.5, que diz:

¹³ As datas em ordem cronológica foram tiradas da Bíblia Digital ILÚMINA Gold. Versão 2.5. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000. 4 CD-ROM.

Não é por causa de sua justiça ou de sua retidão que você conquistará a sua terra. Mas é por causa da maldade destas nações que o Senhor, o seu Deus, as expulsará de diante de você, para cumprir a palavra que o Senhor prometeu, sob juramento, aos seus antepassados, Abraão, Isaque e Jacó.

Outra implicação importante com relação à promessa da terra era que, se ao passo que a promessa era incondicional, a permanência do povo na terra, sim, era condicional, pois só ficariam na terra se fossem obedientes.

Tchapé explica isso da seguinte forma:

Uma vez entrado na terra que Deus prometeu dar a seus pais, Israel não deve comportar-se como se a terra lhe estivesse garantida para sempre. Deve esforçar-se por merecê-la. A terra é dada a Israel sem nenhuma garantia de salvação a ela ligada, e por isso pode ser-lhe arrebatada temporariamente. Também como a conservação da terra, a residência permanente no país estão ligadas [sic] à fidelidade de Israel à lei (*Tôrah*)¹⁴.

Por volta de 1750 a.C. a Palestina foi assolada por uma seca, e os hebreus, agora liderados por Jacó, partiram para o Egito. Como o povo se multiplicou em números, os egípcios, temerosos de um possível domínio, os escravizaram em 1570 a.C., e lá permaneceram durante 400 anos.

Liderado por Moisés, o povo então retorna à Palestina em busca de sua terra novamente, e no caminho começa a adorar outros deuses, e mais uma vez o povo é punido por Deus atrasando seu retorno para a terra. Vagueiam pelo deserto durante 40 anos. Depois, liderado por Josué, consegue, enfim, voltar.

Quando lá chegaram tiveram que lutar novamente pela terra durante quase dois séculos, sendo liderados pelos juízes.

Nessa luta pela terra prometida, os hebreus se depararam com os cananeus e seu sistema, que estava bem fortalecido com suas pequenas cidades-estado por causa do enfraquecimento do império egípcio, o qual foi abalado por inúmeras revoltas

¹⁴ TCHAPÉ, Jean Bosco. A tomada de posse da terra de Canaã por Israel no livro do Deuteronômio. *Concilium*, n. 320, p. 54, 2007.

populares por conta dos altíssimos impostos e da crescente pobreza da população enquanto o faraó e sua família exibiam luxo¹⁵.

Conforme diz Marcelo de Barros Souza¹⁶:

O sistema de tributos era tão duro, que foi produzindo toda uma gama de gente insatisfeita e revoltada, a ponto de alguns grupos fugirem do sistema e irem se organizando em bandos de “hapiru” ou “hebreus” [que não é uma raça, e sim, uma classe social]¹⁷. Os “hapiru” eram considerados “fora-da-lei”, porque viviam fora da ordem existente. Para poder sobreviver, precisavam se organizar e armar. Com frequência se instalavam em diversas áreas de terras altas como grupos semi-independentes. [...] Os faraós os usavam no Egito como trabalhadores forçados para suas construções. Não formavam um povo, mas uma classe social oprimida e marginalizada. Na Bíblia, são classificados como hapiru os hebreus, os descendentes de Jacó em suas relações com os egípcios [sic] [...].

Quando o povo não podia pagar pelos impostos, era pressionado para o sistema da escravidão, ou seja, vendiam a si, suas famílias e suas terras para pagar dívidas de tributos e empréstimos.

Para Milton Schwantes¹⁸ “[...] Restava outra possibilidade: a *retirada*. Quem não estivesse disposto a suportar as condições do trabalho forçado ou não suportasse vender-se como escravo, tratava de fugir e de emigrar do território da cidade-estado”.

E essa retirada tinha um lugar já definido, onde não estariam sob o poder de ninguém. Ainda conforme Milton Schwantes¹⁹:

As cidades-estado se restringiam às planícies e um pequeno setor da Sefelá. As *montanhas* não estavam sob o controle da “aristocracia” militar urbana, porque sua arma mais temida – o carro de guerra – era eficaz na planície, mas completamente ineficiente na montanha. A retirada se realizava, pois, para as montanhas, principalmente das Serras da Galiléia e de Efraim, parcialmente também da Serra de Judá.

¹⁵ SOUZA, Marcelo de Barros; CARAVIAS, José L. *Teologia da Terra*. Petrópolis: Vozes, 1988. (Teologia e Libertação – Série V: Desafios da vida na Sociedade 4), p. 141.

¹⁶ SOUZA, 1988, p. 142.

¹⁷ DONNER, 2006, p. 81.

¹⁸ SCHWANTES, Milton. *História de Israel*. 3. ed. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 49.

¹⁹ SCHWANTES, 2008, p. 49

Para que o povo tivesse mais força e organização para lutar por um objetivo tão importante, conquistar novamente a terra prometida, os hebreus fundaram a monarquia, centralizando assim o poder nas mãos de um rei, vindo Saul, Davi e Salomão.

Dreher²⁰ fala a respeito: “[...] eis que este Israel institui a monarquia. Almeja um rei como as outras nações [...]”.

Dreher²¹ também fala sobre a época da instituição da monarquia em Israel, em que o modo de produção tributário era embasado no tributo e exigia que a comunidade pagasse o tributo com o excedente da produção em troca de algum serviço, diferentemente do modo de produção tribal, em que não há comércio nem acúmulo de bens, em que a terra só era trabalhada pela sociedade agrícola para o próprio sustento da comunidade. É dentro desse modelo que a monarquia nasce em Israel.

Conseguiram então conquistar todo o território palestino, do qual, Jerusalém se tornaria mais tarde sua capital política e religiosa.

Saul não chegou a estabelecer seu reinado sobre todo Israel, quem consolidou mesmo a monarquia foi Davi.

Porém, o povo se revoltou contra o trabalho forçado.

Dreher²² diz ainda sobre o reinado de Salomão:

[...] o tributo imposto ao povo, notadamente ao israelita, tinha sido encarado como muito duro, a relação contratual foi respeitada pelas tribos durante o reinado de Salomão. Apenas sua morte deu ensejo a que um novo contrato fosse proposto pelos israelitas ao seu sucessor. Via de regra, a morte de um rei instabiliza o sistema.

Com sua morte, o povo, impelido por revoltas, foi dividido.

Em Deuteronômio e Levítico Deus mostra com muita clareza as maldições que sobreviriam ao povo caso desobedecessem.

E aconteceu que, não para surpresa dos estudiosos da Bíblia, o povo desobedeceu, tanto Israel quanto Judá, e, nesse momento, Deus então deixa que as maldições sobrevenham sobre o povo, inclusive a perda e a expulsão da sua terra.

²⁰ DREHER, Carlos A. O surgimento da monarquia israelita sob Saul. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 28 , p. 59, 1988b.

²¹ DREHER, Carlos. O Trabalhador e o Trabalho sob o Reino de Salomão. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 11 , p. 49,50, 1986.

²² DREHER, 1986, p. 52.

Por conta da desobediência e da rebeldia do povo, aconteceu o pior dos castigos previamente determinado por Deus, a expulsão e a conseqüente perda da terra por parte do povo.

Vaux²³ corrobora essas informações enfatizando a importância da propriedade imóvel, pois diz que a alienação de bens de família e o desenvolvimento do empréstimo a juros acarretaram o aumento da pobreza e a servidão dos devedores inadimplentes ou de seus fiadores. Assim foi se destruindo a igualdade social que havia existido nos tempos das tribos e que continuou sendo um ideal. Para tentar remediar tamanhas conseqüências, a legislação religiosa tentou criar duas instituições: o ano sabático e o ano do julibeu.

1.2 A relação entre Deus e Homem

A relação entre Deus e o homem é uma relação muito profunda, vai muito além da simples relação criador-criatura.

Deus deu ao homem algo que o distingue de todas as outras criaturas, algo que é essencial à sua natureza. O homem é a única criatura que possui a *imago dei*, ou seja, a Imagem de Deus²⁴. É dito em Gênesis que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, ou seja, o homem na sua essência é um ser que reflete Deus.

Mas o que é ser criado à imagem e semelhança de Deus? O que Deus queria quando criou o homem com a *imago dei*?

Deus criou o homem para ser um representante seu, refletindo assim as suas qualidades.

²³ VAUX, R. de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 209.

²⁴ Conforme GONZÁLEZ, Justo. *Breve dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 168., imagem de Deus (em latim *imago Dei*) é segundo Gênesis 1.26, o primeiro princípio ou padrão segundo o qual Deus criou a humanidade. [...] A imagem se reflete no ser humano em termos de domínio, visto que assim como Deus governa tudo, assim também deu ao ser humano o domínio sobre o restante da criação.

Porém, antes de entendermos essa característica ímpar que Deus concedeu exclusivamente ao homem, precisamos entender uma questão muito importante, que é o propósito de Deus com isso e como isso ocorreu.

Zuck²⁵ afirma que "inquestionavelmente, os propósitos fundamentais de Deus para o homem estão associados à criação dos céus e da terra que proporciona o ambiente da atividade divina".

Dentro das deliberações quanto à criação no conselho divino sobre o propósito da criação do homem, é que este teria o domínio sobre o mundo criado, assim como Deus exerce sobre o mundo espiritual, sendo assim co-regente com Deus.

Portanto, Deus cria todas as coisas e prepara o mundo para receber Adão. Depois, Deus cria Adão e lega a ele o domínio e a autoridade sobre tudo, sujeito somente à autoridade do próprio Deus, com este domínio principalmente em relação à terra, como diz Zuck²⁶:

[...] antes da criação do homem, nenhum arbusto ou planta brotara, porque ainda não havia chovido e, mais significativamente, não havia o homem para "lavar a terra". Está claro que um propósito principal para a criação do homem foi que ele lavasse a terra, ou seja, trabalhasse a terra. O trabalho em si não foi maldição; era a própria essência do que significava ser à imagem de Deus.
Trabalhar a terra é uma definição do que significa ter domínio.

Porém, no capítulo três de Gênesis, podemos ver que o homem cai do seu estado original, passando de dominador a dominado, com a transferência desse domínio para o príncipe deste mundo, Satanás, perdendo então o domínio que lhe foi legado no Éden.

Com a promessa de um Redentor, o Messias viria para recolocar o homem em seu *statu quo ante*, ou seja, no mesmo estado em que ele se encontrava antes da queda.

Por isso, podemos inferir que a principal questão relacionada à criação do homem é o domínio dado por Deus a ele no Éden.

²⁵ ZUCK, Roy B. *Teologia do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009. p. 25.

²⁶ ZUCK, 2009, p. 27, grifo nosso.

Porém, para que tudo isso fosse possível Deus precisava colocar o homem acima de tudo que fora criado, e para isso precisaria distingui-lo tanto dos animais quanto dos anjos na sua essência.

Agora já entendemos o verdadeiro propósito de Deus em criar o homem à sua imagem e semelhança, ou seja, revestido de sua *imago dei*, essa característica ímpar que Deus concedeu exclusivamente a ele.

Voltando a mesma pergunta feita anteriormente: O que é ser criado à imagem e semelhança de Deus? O que Deus queria quando criou o homem com a *imago dei*?

Mesmo que não achemos nas Escrituras o que vem a ser “imagem de Deus”, podemos deduzir o que isso implica para o homem.

Analisando agora três perspectivas com relação à “imagem de Deus” no homem, partimos então de três textos clássicos das Escrituras Sagradas, quais sejam:

- 1) A humanidade como ponto culminante no auge da criação divina em Gênesis 1.26-28;
- 2) A criação através do ponto de vista humano em Gênesis 2.4-25;
- 3) A imagem distorcida em Gênesis 3.1-21.

1.2.1 A humanidade como ponto culminante no auge da criação divina em Gênesis 1.26-28

Vamos falar sobre o **sábado**.

Vamos fazer uma análise do primeiro texto, que é muito importante para entendermos a questão da “imagem de Deus” partindo do ponto culminante da criação, qual seja, Gênesis 1.26-28, que diz:

26 E disse Deus: Façamos o homem [‘ādām]²⁷ à nossa imagem [šelem]²⁸, conforme a nossa semelhança [d^emût]²⁹; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.

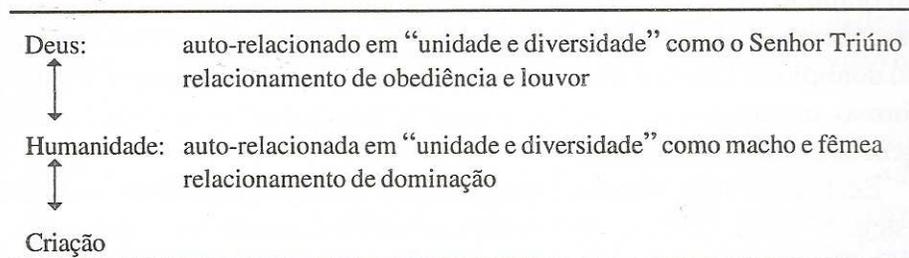
27 E criou Deus a humanidade [hā ‘ādām] à sua imagem [šelem]; à imagem [šelem] de Deus o criou; homem e mulher os criou.

28 E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra.

Esse texto é muito importante, pois ele mostra a criação humana pela perspectiva da origem da vida humana, e percebe-se claramente como a criação divina de modo geral alcança seu clímax na criação do homem, sendo o ponto mais elevado em importância sobre toda a criação.

Embora, apesar da grande importância desse texto no que diz respeito à *imago dei*, nenhuma passagem das Escrituras fala claramente o que vem a ser a “imagem de Deus” no homem, mas podemos subentender disso as implicações desta questão, que podem ser vistas também pelo Diagrama 1, que começa de cima para baixo.

Diagrama 1: A estrutura da imagem de Deus em Gênesis 1³⁰



A palavra chave aqui é relacionamento. Podemos ver o relacionamento existente entre as pessoas da Trindade³¹, relacionamento este que é mostrado em

²⁷ Acréscimo meu

²⁸ Acréscimo meu

²⁹ Acréscimo meu

³⁰ Fonte: SHERLOCK, Charles. *A Doutrina da Humanidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 39.

³¹ Conforme GONZÁLEZ, Justo. *Breve dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 322., trindade é a doutrina da qual Deus, ao mesmo tempo que é uno, existe eternamente em três “pessoas”, que geralmente recebe o nome de Pai, Filho e Espírito Santo. A própria palavra “Trindade” não aparece nas Escrituras. [...] Contudo, os ingredientes fundamentais da doutrina se encontram nas Escrituras, na qual se considera que Jesus é digno de adoração e, no entanto ele não é o mesmo a quem ele se refere como “Pai”, e ele próprio, “Jesus”, promete o Espírito Consolador como “outro consolador”. Logo, pode-se dizer

nosso texto, onde Deus usa o verbo “fazer” na primeira pessoa do plural, “façamos”, e a palavra Deus (*’ēlōhîm*) que em si já está na forma plural, é sempre acompanhada pelo verbo no plural.

Como consequência disso o homem tem duas dimensões de relacionamento para concretizar: o relacionamento horizontal, social, entre os homens em geral, e o relacionamento vertical para cima, que é nosso relacionamento com nosso Criador, e para baixo como co-regentes com Deus para administrar o mundo criado.

“Como Deus não é um ser plano e indistinto, mas um ser vivo e ativo, dinâmico e pessoal, assim também é a humanidade: nós fomos feitos para relacionamentos harmoniosos.”³²

A terceira implicação seria o relacionamento do homem com os outros seres viventes, dado ao homem o domínio sobre estes.

1.2.2 A criação através do ponto de vista humano em Gênesis 2.4-25

Agora analisaremos o segundo texto em Gênesis 2.4-25, que diz:

4 Estas são as origens dos céus e da terra, quando foram criados; no dia em que o Senhor Deus fez a terra e os céus,

5 E toda a planta do campo que ainda não estava na terra, e toda a erva do campo que ainda não brotava; porque ainda o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para lavrar a terra.

6 Um vapor, porém, subia da terra, e regava toda a face da terra.

7 E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente.

8 E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, do lado oriental; e pôs ali o homem que tinha formado.

9 E o Senhor Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista, e boa para comida; e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal.

10 E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro braços.

11 O nome do primeiro é Pisom; este é o que rodeia toda a terra de Havilá, onde há ouro.

12 E o ouro dessa terra é bom; ali há o bdélio, e a pedra sardônica.

que o desenvolvimento da doutrina trinitária é simplesmente de esclarecimento e definição do que já estava implícito nas Escrituras.

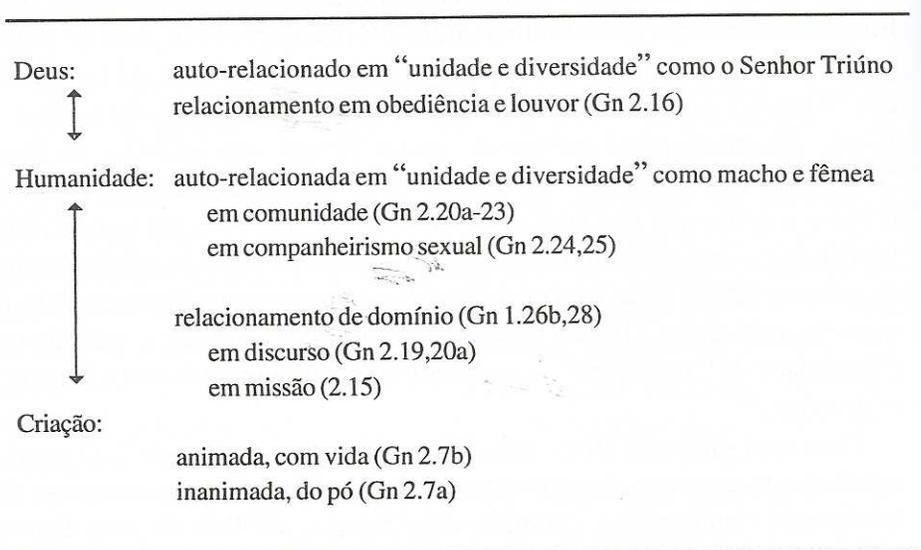
³² SHERLOCK, 2007, p. 37.

- 13** E o nome do segundo rio é Giom; este é o que rodeia toda a terra de Cuxe.
14 E o nome do terceiro rio é Tigre; este é o que vai para o lado oriental da Assíria; e o quarto rio é o Eufrates.
15 E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar.
16 E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente,
17 Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.
18 E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele.
19 Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome.
20 E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo; mas para o homem não se achava ajudadora idônea.
21 Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar;
22 E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão.
23 E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada.
24 Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne.
25 E ambos estavam nus, o homem e a sua mulher; e não se envergonhavam.

Nesse texto também temos três pontos importantes, porém agora falaremos da “imagem de Deus” sob uma perspectiva humana.

A primeira implicação desse texto é nossa natureza material, mostrando aqui nossa semelhança com os outros seres viventes, sendo ambos criados e dotados de parte material. Embora sejamos também seres espirituais para nos relacionarmos com Deus, que é espiritual, somos também criaturas materiais. Podemos exemplificar isso no Diagrama 2, na página seguinte, que começa de baixo para cima.

Outro aspecto seria a tarefa dada por Deus ao homem de cultivar e cuidar do jardim, que é a terra, da qual o homem havia sido formado. Aqui o relacionamento vertical para cima é o limite de obediência que o homem devia à Deus, incluindo aí a questão da proibição da árvore do conhecimento, e para baixo seria o domínio que Deus delegou ao homem para tê-lo sobre a criação.

Diagrama 2: A estrutura da imagem de Deus em Gênesis 1-2³³

1.2.3 A imagem distorcida em Gênesis 3.1-21

Agora partiremos para a análise de nosso terceiro texto em Gênesis 3.1-21, que diz:

- 1** ORA, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?
- 2** E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos,
- 3** Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais.
- 4** Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis.
- 5** Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.
- 6** E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela.
- 7** Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais.
- 8** E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim.
- 9** E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás?
- 10** E ele disse: Ouí a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me.

³³ Fonte: SHERLOCK, 2007, p. 42.

11 E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses?

12 Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi.

13 E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi.

14 Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida.

15 E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.

16 E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.

17 E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida.

18 Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo.

19 No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás.

20 E chamou Adão o nome de sua mulher Eva; porquanto era a mãe de todos os viventes.

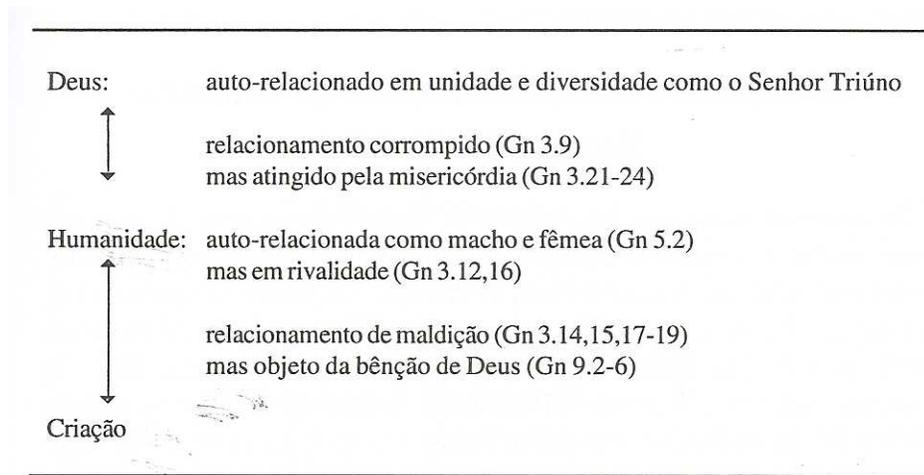
21 E fez o Senhor Deus a Adão e à sua mulher túnicas de peles, e os vestiu.

Nesse texto também temos facetas importantes a serem comentadas, porém agora falaremos da “imagem de Deus” já distorcida pelo pecado. Aqui fala do engano sofrido pela mulher, dos pecados do homem e da mulher e das consequências desse ato.

Aqui podemos destacar os vários rompimentos de relacionamentos ocorridos devido essa transgressão, quais sejam: o rompimento do relacionamento vertical para cima, ou seja, com Deus, pois o homem não tinha mais aquela comunhão com Deus, para a qual o mesmo havia sido criado. Esse relacionamento é afetado pela distorção da bênção que se volta para condenação. Também o relacionamento vertical para baixo é afetado, pois o domínio que o homem tinha sobre a criação muda de cuidado para exploração. E, ainda, o relacionamento entre o homem e a mulher também é maculado, pois ambos antes viviam em comunhão e agora não mais. Coelho Filho³⁴ diz que “a mulher não será mais a parceira do homem na administração.”

Os relacionamentos não são banidos, mas todos são distorcidos, como nos mostra o Diagrama 3.

³⁴ COELHO FILHO, 2004, p. 52.

Diagrama 3: A estrutura da imagem de Deus em Gênesis 3³⁵

Nesse ponto, podemos ver que, ainda assim, o homem continua sendo um ser à imagem de Deus, mas agora essa imagem está distorcida, maculada, invertida. Passa a viver em um mundo cheio do pecado, como um pecador em uma sociedade completamente corrupta. Porém, ainda assim, a infinita misericórdia de Deus aponta para uma futura restauração dessa imagem, através da restauração que viria para que o homem pudesse restabelecer novamente esse ponto de contato com Deus, aparecendo aqui a **esperança** para o homem.

1.3 A relação entre Homem e terra

No relato de Gênesis 2.4-25, podemos ver de forma bem explanada e completa o relacionamento íntimo existente entre o homem e a terra/solo.

Três observações podem ser feitas a respeito disso, quais sejam:

³⁵ Fonte: SHERLOCK, 2007, p. 42.

a) O homem foi criado da própria terra: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (2.7).

b) As palavras “homem” e “terra” no original hebraico são muito semelhantes, sendo respectivamente, *'ādām* e *'ādāmâ*.

c) Deus põe o homem no jardim do Éden e lhe delega a responsabilidade de “*cuidar dele e cultivá-lo*” (2.15).

O primeiro capítulo de Gênesis fala da criação do céu e da terra e depois, então, da criação do homem.

O primeiro capítulo mostra o homem como a coroa da criação, a última obra a ser criada ou o propósito da criação e pode ser resumido pela palavra *criação*, ou seja, o homem é a última criatura a ser trazida à existência pela mão poderosa de Deus, coroado como o senhor da natureza, o rei da terra.

Neste capítulo, pode-se fazer uma observação importante a respeito da primeira morada do homem, da terra que lhe foi dada por habitação, pois ele foi criado à imagem de Deus e foi nomeado senhor de toda terra. Aqui já se pode ver a importância de um lugar terra/solo para o homem se fixar.

O segundo capítulo mostra o homem como o início da criação e da história, podendo ser resumido com a palavra *paraíso*, ou seja, mostra a criação começando pelo homem, sendo este o ponto de partida e o centro da criação.

Depois de Deus criar tudo, céus, terra, sol, lua, estrelas, plantas e animais, Deus se dedicou a preparar um lugar para o homem morar, Deus prepara para ele um jardim no Éden, ou seja, um paraíso³⁶ na terra, que significa lugar de delícias.

Milton Schwantes³⁷ comprova isso quando diz: “[...] a pessoa se realiza no convívio com a terra. Esta é o espaço de sua existência. O jardim como que está plantado em torno da pessoa. Esta é parte da terra, é “do pó da terra” (Gênesis 2.2,7)”

Outra observação importante é a tarefa que o homem recebeu de Deus, tarefa essa que está diretamente ligada ao seu relacionamento com a terra, pois o homem

³⁶ FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. 3. ed. rev. e atual. Curitiba: Editora Positivo, 2004, verbete: paraíso. 1 CD-ROM.

³⁷ SCHWANTES, Milton. *Projetos de Esperança: Meditações sobre Gênesis 1-11*. Coleção Deus Conosco. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: CEBI; São Leopoldo: Sinodal, 1989. p. 78.

tinha que dominar a terra, cuidar dela e cultivá-la para que pudesse extrair dela tudo o que ela poderia oferecer. Mas o homem só conseguiria cumprir essa tarefa com relação à terra se ele não tivesse cometido pecado, se ele estivesse no seu estado original, em seu estado inicial de integridade, somente se continuasse a obedecer a Deus. Porém, veio a desobediência e, conseqüentemente, a queda. Nossos primeiros pais, criados para refletir e representar Deus não passaram no teste. Provados, caíram e deformaram a imagem de Deus neles.

Outro fator importantíssimo de se observar aqui seria uma analogia entre o corpo humano e a terra, os elementos pelos quais o homem e a terra são formados. Poderia isso ser uma mera coincidência? O homem e a terra serem formados de elementos químicos, e alguns em comum? O homem é formado por elementos essenciais à sua vida, e estes, por sua vez, encontram-se no universo físico, quais sejam: “72% de oxigênio, 14% de carbono, 9% de hidrogênio, 5% de nitrogênio, e os restantes 3,5% se compõem de pelo menos 15 elementos como cálcio, fósforo, potássio, enxofre, sódio, cloro, quantidade mínima de iodo, cobre, zinco, etc.”³⁸ Podemos ver aqui que o elemento predominante na constituição do corpo humano é o oxigênio, sendo responsável por 72% da constituição do corpo físico do homem. Agora vamos ver sua ligação com a terra, pois a terra também é formada de elementos químicos, quais sejam, “49,78% de oxigênio, 16,78% de ferro e 14,64% de silício”³⁹, em areias e terra que permeiam os oceanos, e, falando em terra como um todo sua massa constitutiva tem “34,5% de ferro, 29,5% de oxigênio, 15,2% de silício, 12,7% de magnésio, 2,4% de níquel, 1,9% de enxofre e 0,05% de titânio”⁴⁰, ou seja, seus elementos em grande parte ou em partes são elementos constitutivos em comum com o corpo humano, provando mais uma vez que um foi retirado do outro, ou seja, como a terra foi criada antes, o homem foi então tirado dela, por isso essa ligação tão forte entre ambos desde o início.

³⁸ ANTÔNIO, Luiz. *A Tricotomia Humana*. Disponível em: <<http://iprr.wordpress.com/2008/12/30/o-homem-corpo-alma-e-espirito/>>. Acesso em: 03 jun 2011.

³⁹ QUAL é o elemento químico mais abundante no Universo? E na Terra? Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/qual-e-o-elemento-quimico-mais-abundante-no-universo-e-na-terra>>. Acesso em: 03 jun 2011.

⁴⁰ TERRA. Disponível em: <<http://www.if.ufrj.br/teaching/astron/earth.html>>. Acesso em: 03 jun 2011.

Com a entrada do pecado no mundo o homem sofreu várias conseqüências, e uma delas é que a terra não mais trabalharia a favor do homem, oferecendo-lhe tão harmoniosamente o seu sustento. O homem continuaria a depender da terra para obter seu sustento, porém, esta uma vez amaldiçoada, já não produziria mais os frutos com a abundância e a exuberância de antes, o homem teria seu sustento através do suor do rosto e com muito trabalho e sofrimento.

Milton Schwantes⁴¹ fala dessa relação de troca entre homem e terra:

A terra é trabalhada para dar o alimento. No jardim, há trabalho. O versículo 15 afirma-o expressamente. A pessoa está no jardim “para cultivar e o guardar”. “Guardar” designa a função de proteção que o lavrador realiza em relação a plantas e árvores. “Cultivar” expressa a dimensão produtiva, porque o verbo hebraico usado designa em sua forma substantivada o “escravo”. “Guardar” se relaciona, pois, às necessidades da própria natureza. “Cultivar” tem a ver com as necessidades do próprio lavrador. [...] pois tem diante de si o resultado e dele usufrui. Usufrii do alimento e da beleza de uma natureza, uma terra, plantas e árvores bem cuidadas.

Diante disso, pode-se entender que Deus proporcionou que o homem conseguisse enxergar o valor da terra, que o homem visse a importância de ter uma terra, e o significado desse relacionamento homem-terra para Deus, pois a terra era uma dádiva de Deus concedida ao homem.

Porém, para entendermos como se deu esse processo, como o povo de Deus se apegou tanto à sua terra, temos que entender algumas características dessa terra, pois o povo fez da terra um sinal de que ele, assim com a terra, era propriedade de Deus.

No início essa terra era chamada de Canaã⁴², que é “a antiga denominação da região correspondente à área do atual Estado de Israel (inclusive as Colinas de Golã), da Faixa de Gaza, da Cisjordânia, de parte da Jordânia (uma faixa na margem oriental do Rio Jordão), do Líbano e de parte da Síria (uma faixa junto ao Mar Mediterrâneo, na parte sul do litoral da Síria)”.

⁴¹ SCHWANTES, 1989, p. 78.

⁴² WIKIPÉDIA. Canaã. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cana%C3%A3>>. Acesso em: 02 jun 2011.

Depois, essa terra passou a ser identificada como Palestina, ou terra de Israel, definida aproximadamente com uns 250 km de Norte a Sul e uns 50 a 150 km de largura.

2 A legislação de Israel em relação ao uso da terra

Antes de falarmos da legislação específica com relação a terra, precisamos entender o porquê de uma legislação para reger o uso da terra pelo homem.

Gênesis 1.9,10 mostra a criação da terra seca e a sua separação dos mares, e Deus vê que a terra era boa.

Porém, Deus não a criou para ficar vazia, e, em Gênesis 1.26 Deus cria o homem conforme a sua imagem e conforme a sua semelhança.

Em Gênesis 2.8 Deus cria o jardim no Éden e coloca então o homem para nele habitar.

Na sequência da narração da criação divina, Deus diz ao homem em Gênesis 1.28: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a...”, o que mostra uma importante ordem que Deus deu ao homem, a de sujeitar a terra, que, segundo Ferreira⁴³, significa “dominar, subjugar, tornar dependente, etc”. Essa lei não significava que Deus estava apenas dizendo ao homem que ele deveria cuidar da terra e cultivá-la. Não era somente isso, essa lei ia muito mais além.

O homem é aqui nomeado senhor da terra, e faria com ela uma troca, ou seja, manteria um relacionamento recíproco. O homem deveria, sim, cuidar dela, e também cultivar, seria seu administrador, e, como consequência, ela ofereceria ao homem tudo o que ele precisasse para sobreviver. Assim o homem extrairia tudo o que a terra poderia lhe oferecer.

Essa ordem era mais complexa do que parecia. Deus estava dando liberdade ao homem para que tomasse iniciativas próprias e fosse criativo no seu relacionamento com a terra, Deus estava dando liberdade ao homem para que exercesse a liderança.

Com isso, podemos ver claramente que Deus deu a terra ao homem, mas até quando?

Para sempre!

⁴³ FERREIRA, 2004, verbete: sujeitar.

Deus criou a terra para o homem, mas esse domínio só foi exercido plenamente até o homem pecar. Somente em seu estado original e inicial de integridade o homem conseguiria exercer tal domínio.

Roy B. Zuck⁴⁴ afirma:

A natureza da relação entre Deus e os homens era soberano-vassalo. Deus criara o homem para o propósito expresso de transmitir a ele a condição e a função da imagem, quer dizer, o homem tinha de representar Deus no seu domínio sobre toda criação. [...] Tentando inverter os papéis e afirmar a sua independência das limitações, o homem se tornou uma imagem desfigurada e defeituosa, uma vez que já não representava o seu soberano de modo desimpedido e perfeito. O pecado introduzira uma alienação que afetou a relação entre Deus e o homem, tornando-o uma criatura mortal, que jamais cumpriria o mandato do concerto enquanto permanecesse nessa condição.

Porém, apesar de Deus ter dado todo esse domínio ao homem, este escolheu pecar e perdeu esse domínio, Deus lhe havia dado o livre arbítrio, e ele escolheu o pior e perdeu muito com isso.

Deus havia prometido a Abraão que faria dele uma grande nação e que seu povo herdaria a terra para sempre, seria seu habitat natural, como mostra Gênesis 12.1-3:

- 1 ORA, o Senhor disse a Abrão: Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei.
- 2 E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção.
- 3 E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra.

Mas Deus não deixou que o pecado do homem atrapalhasse seus planos e promessas, Deus não depende de nada nem de ninguém para fazer o que quer, para cumprir o que promete.

Por isso, antes de continuarmos falando do fato de que a terra foi um presente de Deus aos homens, precisamos entender um pouco sobre essa característica ímpar de Deus: *sua imutabilidade*.

⁴⁴ Roy B. Zuck explica muito bem a questão da interrupção do propósito do concerto no livro Teologia do Antigo Testamento, quando diz que o propósito original divino ao homem era que ele tivesse domínio sobre todas as coisas e como esse propósito foi distorcido e alienado pelo pecado, em ZUCK, Roy B. *Teologia do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009. p. 31.

Deus tem inúmeros atributos e podemos classificá-los de várias maneiras, mas para um entendimento mais fácil vamos usar a classificação de Millard J. Erickson⁴⁵, que diz que os atributos de Deus são divididos em naturais e morais.

Os atributos naturais são aqueles que dizem respeito ao caráter de Deus, sua essência, quais sejam: espiritualidade, vida, personalidade, infinitude quanto ao espaço, tempo, conhecimento e poder, e a constância de Deus.

Os atributos morais de Deus são aqueles que dizem respeito ao conceito de correção, no sentido de dizer que Deus é sempre correto, quais sejam: pureza, que inclui santidade, retidão e justiça; integridade que inclui genuinidade, veracidade e fidelidade; e amor que inclui benevolência, graça, misericórdia e persistência.

Porém, o que cabe mencionar nessa pesquisa, para podermos entender a razão de Deus não ter tirado o presente – a terra – dos homens, a promessa que fez à Abraão, são a *Constância* e a *Fidelidade* de Deus, esses são atributos importantíssimos para se compreender a linha de pensamento sobre a promessa de Deus.

Primeiramente vamos ver o atributo *Constância*, que é o atributo que mostra a qualidade que Deus tem de ser imutável, inalterável, invariável e incessante.

A constância de Deus abrange vários aspectos. Deus não pode crescer nem decrescer em nada (mudança quantitativa), sua natureza não sofre modificação (mudança qualitativa), Deus não muda suas idéias, planos ou ações, não importa o que aconteça, pois Ele jamais vai de encontro à sua própria natureza, porque sua vontade também não muda, Deus sempre foi e sempre será, não houve um tempo em que Ele não existia ou fora criado.

Existem muitas passagens na Bíblia em que Deus parece mudar de idéia ou se arrepende do que fez, mas isso é explicado pelo antropomorfismo⁴⁶ e antropopatia⁴⁷.

Agora vamos entender o atributo *Fidelidade*, o qual faz parte do conjunto de atributos de integridade, que mostra a qualidade que Deus tem de ser leal, firme e constante nas suas atitudes e observar com rigor a verdade.

⁴⁵ ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 105.

⁴⁶ Atribuição de formas humanas a Deus. Pelo fato da mente humana ser finita e não se conseguir entender Deus em sua plenitude, busca-se as formas conhecidas pelo homem para tentar explicar Deus.

⁴⁷ Atribuição de sentimentos humanos a Deus. Também pelo fato da mente humana ser finita e não conseguir entender Deus em sua plenitude, busca-se os sentimentos conhecidos pelo homem para tentar explicar ações divinas.

A fidelidade de Deus é quando ele se prova verdadeiro, a genuinidade de Deus é o fato de ser verdadeiro e a veracidade é o fato de Deus dizer a verdade.

Afinal, o que difere Deus do homem nesse ponto? Apesar deste ter sido criado à imagem e semelhança daquele, é o fato de o homem não saber o futuro e, portanto, não poder fazer uma previsão antecipada das coisas vindouras, e também o fato de não possuir poder para realmente fazer o que fala ou promete⁴⁸.

Isso mostra que Deus mantém suas promessas, nunca revisa sua palavra ou renega uma promessa.

E como Deus prometeu a terra à humanidade através de Abraão?

Nos tempos do Antigo Testamento as leis e os decretos de Deus eram transmitidos pelo próprio Deus aos seus profetas, e estes, por sua vez, os transmitiam ao povo.

Em Oséias 12.10 temos uma prova disso, onde Deus diz: “Falei aos profetas e multipliquei as visões; e, pelo ministério dos profetas, propus símiles.”

Fazendo uma observação para clarear tal termo, profeta significa um homem ou uma mulher de Deus com autoridade em suas palavras, porque falam em nome de Deus. Deus transmite a mensagem e os profetas escolhem as palavras para passar essa mensagem de acordo com a cultura em que está inserido. Essa maneira que Deus usava para se comunicar está declarada em Amós: 3.7: “Certamente, o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas.”

Dessa forma Deus fazia tanto exortações ao seu povo quanto também proferia suas promessas.

Deus fez três grandes promessas a Abraão:

- 1) “De ti farei uma grande nação”.
- 2) “Em ti serão benditas todas as famílias da terra”
- 3) “Darei á tua descendência esta terra”

⁴⁸ Essa idéia é muito bem defendida por Tiago Abdalla Teixeira Neto em seu artigo *O Deus Imutável* em NETO, Tiago Abdalla Teixeira. *O Deus Imutável*. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/atributos_deus/Deus-imutavel_tiago-abdalla.pdf> Acesso em: 07 set 2011.

Para nós, agora, cabe analisar a terceira promessa, na qual Deus promete dar a terra aos descendentes de Abraão.

Em Êxodo 24.12 diz: “Então disse Javé a Moisés: Sobe a mim ao monte, e fica lá; e dar-te-ei as tábuas de pedra e a lei, e os mandamentos que escrevi, para os ensinar.”

Aqui podemos ver como Deus começou a registrar suas leis ao seu povo, sendo ditada por Ele próprio a Moisés.

Porém, não são somente os dez mandamentos o que essa passagem se refere que Deus mandou que o povo observasse. Existem muitos outros mandamentos de Deus na Torá.

2.1 A Torá e seus mandamentos

Neste ponto podemos observar que a palavra *Torá*⁴⁹, que significa lei ou doutrina, é usada para designar a lei de Deus, que são os cinco primeiros livros da Bíblia, quais sejam, Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

Reimer⁵⁰ explana muito bem sobre Torá ou Pentateuco:

O Pentateuco pretende ser um longo roteiro da história do povo de Israel, desde as suas origens (Gn 1-11) até o momento anterior à entrada na terra prometida (Dt 34). Neste roteiro acontece a junção sequencial das leis e conjuntos de leis de Israel, os quais, dentro do roteiro, são ancorados, sobretudo junto ao Sinai. Com essa historização, toda a lei é apresentada como procedente diretamente de Deus, dada através de Moisés para o povo. [...]

Dentro da Torá encontramos muitos mandamentos que Deus deu ao povo judeu. Cada mandamento é denominado de *Mitsvá*⁵¹.

Temos dois tipos de *Mitsvá* na Torá: as negativas e as positivas⁵².

⁴⁹ *hrfwOt%* significa “preceito”, “instrução” e “lei” em hebraico .

⁵⁰ REIMER, Haroldo; REIMER, Ivoni Richter. *Tempos de Graça: O Jubileu e as Tradições jubilares na Bíblia*. São Leopoldo: CEBI e Sinodal; São Paulo: Paulus, 1999. p. 34.

⁵¹ *hzFc ; m* significa “mandamento” em hebraico.

As positivas são as ordens que Deus dava ao povo e as negativas eram as proibições ao povo.

Dentro das Mitsvot⁵³, vamos destacar aquelas relacionadas ao nosso tema sobre terra.

Dentre as proibições estão:

- Não semear a terra durante o ano sabático.
- Não colher frutos da terra que cresceram espontaneamente no ano sabático.
- Não trabalhar a terra no ano do jubileu.
- Não vender terrenos da terra de Israel para sempre: voltam para o dono original no ano do jubileu.

Dentre as obrigações estão:

- A devolução da terra no ano do jubileu.
- O repouso da terra durante o ano sabático.

Para se entender essas leis, suas implicações e consequências, é preciso entender duas coisas: **o ano sabático** e **o ano do jubileu**.

2.2 Sabá

Segundo Aurélio *sabá* significa “descanso religioso que, conforme a legislação mosaica, devem os judeus observar no sábado, consagrado a Deus.”

⁵² As leis e códigos citados daqui para frente estão bem explicadas em REIMER, Haroldo. *Leis dos Tempos Jubilares na Bíblia. Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 58, p. 15-32, 1998.

⁵³ מצוות; mi significa “mandamentos” em hebraico.

2.2.1 Sabá como sábado

Vamos falar sobre o **sábado**.

O *sabá* ou *shabat* é o sétimo dia da semana, ou seja, o sábado, e, mesmo existindo em média de 48 a 50 shabat por ano, ele é considerado um dia sagrado para os judeus.

Para os judeus os dias são contados a partir do pôr-do-sol de um dia até o pôr-do-sol seguinte, por isso o shabat começa no pôr-do-sol de sexta-feira e vai até o pôr-do-sol de sábado.

Depois que a terra seca surgiu das águas, ela começou a produzir árvores e ervas para que o homem, que Deus ainda criaria, pudesse se alimentar.

Foi para nosso suprimento de vida que a terra produziu alimentos e para nossa existência que a porção seca surgiu.

O shabat está claramente ligado à criação de Deus, pois simboliza o sétimo dia em Gênesis, quando Deus descansou depois de seis dias trabalhados na criação. Da mesma maneira o homem deve descansar depois de seis dias de trabalho produtivo.

Schwantes⁵⁴ fala sobre isso quando explica a temática do trabalho em Gênesis 1.1 – 2.4:

A temática do trabalho e a realidade do trabalhador marcam os *conteúdos* dos textos bíblicos. Alegria e sofrimento das mãos que labutam afloram continuamente como experiências teológicas e humanas significativas. [...] esquematização do texto para dentro do ritmo de sete dias. [...] A exigência é a de que os judaítas escravizados possam descansar a cada sétimo dia.

Giuliani⁵⁵ também escreve:

A moral vétero-testamentária do trabalho é determinada pelo Código Sacerdotal (Gênesis 1.1 – 2.4) mediante a sucessão de dias de trabalho e dias de descanso. Disso resulta um ritmo de ação e de repouso, o qual se funda no trabalho criador e no descanso de Deus, como também em seu mandamento

⁵⁴ SCHWANTES, Milton. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 11, p. 7, 1988.

⁵⁵ GIULIANI, Matheus Francisco. O trabalho – Realidade Bíblica. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 11, p. 34, 1988.

expresso de trabalhar e descansar (Gênesis 2.3; Êxodo 20.11). Como mandamento, vale para todos: israelitas, estrangeiros, escravos e até animais.

Reimer⁵⁶ afirma:

O sábado se tornou uma marca constitutiva do povo de Israel, respectivamente do povo judeu. Ele é um sinal distintivo desse povo. Abrindo a Bíblia no livro de Gênesis temos a impressão de que ele já faz parte da história do povo desde as origens. Historicamente, porém, essa instituição tem uma trajetória conturbada. [...]

Deus preparou para o povo de Israel uma terra cheia de riquezas e dela expulsaria os habitantes. Porém, por causa dessa situação de tranqüilidade, provavelmente, em pouco tempo, os israelitas esquecer-se-iam de Deus e do que fizera por eles.

Por isso, o Senhor reiterou-lhes a ordem para que guardassem o sábado como lembrança de tudo que Deus fizera por eles, como mostra em Deuteronômio 8.11-14,17:

11 Guarda-te que não te esqueças do Senhor teu Deus, deixando de guardar os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus estatutos que hoje te ordeno;
12 Para não suceder que, havendo tu comido e fores farto, e havendo edificado boas casas, e habitando-as,
13 E se tiverem aumentado os teus gados e os teus rebanhos, e se acrescentar a prata e o ouro, e se multiplicar tudo quanto tens,
14 Se eleve o teu coração e te esqueças do Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão;
17 E digas no teu coração: A minha força, e a fortaleza da minha mão, me adquiriu este poder.

A lei do sábado evoluiu com o passar do tempo. No início, a lei do sábado realmente visava somente o repouso semanal. Depois foi se transformando em um mandamento e uma forma de culto, e, sobre este último, escreve muito bem Burin⁵⁷:

O sábado está intimamente ligado à Aliança que este povo tem com Deus. Em todos os textos há um sentido claro da necessidade e mesmo da exigência de, a cada seis dias de trabalho, dedicar um para o repouso, para a festa, para a adoração e contemplação das obras que o Deus de Israel fez em favor de seu

⁵⁶ REIMER, 1999, p. 38.

⁵⁷ BURIN, Aguielo. O Sábado, descanso do trabalho. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 11, p. 77, 1988.

povo. E por isso, o sábado não é visto como uma imposição, mas como uma dádiva, um presente em benefício do homem. [...] E como o homem hebreu tem uma profunda convicção de sua dependência de Deus, a quem deve tudo, toma consciência que, de tudo o que recebeu, deve devolver, como sinal de sua dependência, ao menos uma parte a Deus. Então o próprio sábado é uma espécie de dízimo do tempo que o homem dedica e devolve a Deus.

Por isso, o shabat tem grandes implicações com relação à terra. Para Deus o shabat seria algo muito mais além disso, passou a ser uma lei a ser observada pelos judeus.

Além disso, Reimer⁵⁸ faz algumas considerações importantes a respeito do sentido original deste dia, pois a interrupção do trabalho acontecia num momento de maior demanda dele. Isso também era uma prova de fé do povo perante Deus, pois os períodos de mais trabalho no calendário agrícola da Palestina eram os períodos de preparo da terra para o plantio e o período da colheita, e a lei afirmava que justamente nesses períodos devia-se respeitar uma pausa no trabalho.

Podemos fechar o diálogo a respeito do descanso semanal com uma frase de Schwantes⁵⁹ que diz que “Gênesis 1 celebra o motivo mais profundo do sábado. Ele se encontra no próprio Deus. Quem para ao sábado, participa do ser e agir de Deus. Negar-se ao trabalho, ao menos num dia, é corresponder ao Criador”.

2.2.2 *Sabá como ano sabático*

Agora vamos falar sobre o **ano sabático**.

Em Levítico 25.1-7 lê-se:

- 1 FALOU mais o Senhor a Moisés no monte Sinai, dizendo:
- 2 Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando tiverdes entrado na terra, que eu vos dou, então a terra descansará um sábado ao Senhor.
- 3 Seis anos semearás a tua terra, e seis anos podarás a tua vinha, e colherás os seus frutos;
- 4 Porém ao sétimo ano haverá sábado de descanso para a terra, um sábado ao Senhor; não semearás o teu campo nem podarás a tua vinha.

⁵⁸ REIMER, 1999, p. 38.

⁵⁹ SCHWANTES, 1989, p. 29.

- 5 O que nascer de si mesmo da tua sega, não colherás, e as uvas da tua separação não vindimarás; ano de descanso solene será para a terra.
 6 Mas os frutos do sábado da terra vos serão por alimento, a ti, e ao teu servo, e à tua serva, e ao teu diarista, e ao estrangeiro que peregrina contigo;
 7 E ao teu gado, e aos teus animais, que estão na tua terra, todo o seu produto será por mantimento.

Esse texto mostra claramente a ordem de Deus quanto ao descanso da terra, que é o chamado *ano sabático*.

O ano sabático consistia no ano do descanso, e isso implicava diretamente no relacionamento entre Deus, a terra e o homem.

A terra foi criada por Deus para seu povo nela habitar e viver, e por isso, tem íntima relação com o homem.

Num sentido mais tipológico, Dong Yu Lan diz o seguinte:

A terra representa Cristo. Em Colossenses 2.6,7 diz: “Assim como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim também andai nele, andai, arraigados (como raízes na terra) e edificados nele”. Andar aqui é viver, agir, comportar-se. Nós devemos andar, viver e agir em Cristo, para podermos desfrutar suas riquezas, assim como o povo de Israel vivia na boa terra, desfrutando seus ricos produtos. Toda nossa vida precisa ser em Cristo.⁶⁰

Depois de um período de seis anos de trabalho, é proposto um ano de descanso. É a tradição do *ano sabático*.

Reimer fala sobre as origens dessa tradição:

Não se sabe ao certo a origem desta tradição. Supõe-se, porém, que seja antiga e vinculada com práticas de descanso e rodízio no cultivo da terra. Em povos vizinhos de Israel tais práticas também eram conhecidas. Entre os cananeus, por exemplo, o descanso da terra poderia estar relacionado com ritos de fertilidade, que tinham o propósito de garantir a fertilidade da terra e de apaziguar os seus deuses. Na tradição de Israel, a motivação para essa prática é o dado de que Deus-Javé é celebrado como o senhor de toda a terra. “Ao Senhor pertence a terra...” (Sl 24.1)⁶¹.

O shabat não era apenas cessar o trabalho, mas descansar no Senhor e acreditar que Ele providenciaria tudo o que fosse necessário para o suprimento de seu povo.

⁶⁰ LAN, Dong Yu. *Como servir a Deus?* São Paulo: Editora Árvore da Vida, 1999. p. 293-294.

⁶¹ REIMER, 1999, p. 57.

Essa tradição se divide em **três vertentes**, quais sejam: o *descanso da terra* no sétimo ano, a *libertação de escravos e escravas* e o *perdão de dívidas* ao final de cada sete anos⁶².

1) O *descanso da terra* no sétimo ano → Na tradição da história do povo de Israel na Bíblia, o homem aparece intimamente ligado ao cultivo e cuidado da terra, ou seja, ligado à agricultura⁶³.

Nos seus primórdios a humanidade vivia da caça e da coleta de frutos. Depois do processo de sedentarização isso mudou, já aparecendo a agricultura e a pecuária, por volta de 9000 a 7000 a.C.

Porém, para Israel, somente com a “conquista da terra”, se iniciou vagarosamente o processo de sedentarização por volta de 1250 a.C. Essa sociedade era marcada pelo igualitarismo, em contrapartida ao feudalismo cananeu, que era um sistema tributário.

Porém, com o início do uso do boi na agricultura, na época da instituição da monarquia em Israel, esse igualitarismo foi se findando, pois passou a ser possível o acúmulo de riquezas por alguns clãs que dispunham dessa tecnologia.

O povo plantava durante o ano para colher e ter seu sustento no ano seguinte. Porém, a cada seis anos, Deus ordenou que o **homem** e a **terra** tivessem um ano de descanso, tradição essa vinda da aplicação dos dias da semana a uma sequência de anos.

Para isso, não se plantaria nada no sétimo ano, com isso a colheita do sexto ano deveria ser suficiente para dois anos, para o sétimo e para o oitavo, pois o que fosse semeado no oitavo só seria colhido e consumido no nono ano.

O Código da Aliança (Êxodo 20.22 – 23.19) resguardava não poucas vezes o direito dos mais fracos, sendo a terra um desses elos, como mostra em Êxodo 23.10,11:

10 Também seis anos semearás tua terra, e recolherás os seus frutos;

⁶² REIMER, 1999, p. 57.

⁶³ GARMUS, Ludovico. O descanso da terra: uma releitura de Ex 23, 10-11 e Lv 25, 1-7. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 58, p. 98, 1998.

11 Mas ao sétimo a dispensarás e deixarás descansar, para que possam comer os pobres do teu povo, e da sobra comam os animais do campo. Assim farás com a tua vinha e com o teu olival.

Esse texto mostra que o homem tinha direito de cultivar a terra para seu sustento, mas também deveria respeitar o direito da mesma descansar.

Isso era uma prova da dependência que o povo tinha de Deus, e para o povo obedecer era preciso confiar em Deus.

Esse período de descanso ao povo e à terra não era simplesmente um descanso físico. Tinha um grande significado para Deus e para seu povo.

Esse período mostrava que Deus tratava a terra como parte de sua criação, e, por isso, gozava de direitos.

Isso significava que eles eram subordinados e dependiam de Deus, pois naquele ano não se plantaria, significando que estavam à mercê de Deus, sob sua responsabilidade e proteção total.

Era uma honra estar nessa situação, sob total dependência de Deus, como diz em Salmo 144.15: “Bem-aventurado o povo a quem assim sucede! Bem-aventurado é o povo cujo Deus é o Senhor”.

Ainda sobre o texto que fala sobre o ano sabático em Levítico 25.1-7, podemos ver que o verso 5 nos mostra como essa tradição era um reflexo do sábado, sendo então um ano santo, assim como todos os sábados eram, quando diz “descanso solene”.

2) *A libertação de escravos e escravas* → A libertação dos escravos por dívidas é assunto tratado no Código da Aliança, ou seja, Êxodo 21.2-11, assim descrito:

2 Se comprares um servo hebreu, seis anos servirá; mas ao sétimo sairá livre, de graça.

3 Se entrou só com o seu corpo, só com o seu corpo sairá; se ele era homem casado, sua mulher sairá com ele.

4 Se seu senhor lhe houver dado uma mulher e ela lhe houver dado filhos ou filhas, a mulher e seus filhos serão de seu senhor, e ele sairá sozinho.

5 Mas se aquele servo expressamente disser: Eu amo a meu senhor, e a minha mulher, e a meus filhos; não quero sair livre,

6 Então seu senhor o levará aos juízes, e o fará chegar à porta, ou ao umbral da porta, e seu senhor lhe furará a orelha com uma sovela; e ele o servirá para sempre.

7 E se um homem vender sua filha para ser serva, ela não sairá como saem os servos.

8 Se ela não agradar ao seu senhor, e ele não se desposar com ela, fará que se resgate; não poderá vendê-la a um povo estrangeiro, agindo deslealmente com ela.

9 Mas se a desposar com seu filho, fará com ela conforme ao direito das filhas.

10 Se lhe tomar outra, não diminuirá o mantimento desta, nem o seu vestido, nem a sua obrigação marital.

11 E se lhe não fizer estas três coisas, sairá de graça, sem dar dinheiro.

Por ser uma sociedade com características patriarcais, o tratamento entre homens e mulheres era diferente.

O verso 2 fala sobre a compra de um escravo hebreu, e, no verso 7, fala sobre a venda de uma filha como escrava. E, em ambos os casos, escravo ou escrava, não era uma venda em si que acontecia, não era compra de escravos num mercado, pois esse sistema social só começou com o período helenístico, a partir do final do século 4 a.C.

Dreher afirma: “O mundo bíblico não conheceu a escravidão como Modo de Produção⁶⁴.”

E, confirmando, diz: “Tudo isso, porém, não significa que o mundo bíblico não tenha conhecido a instituição da escravatura. Ela é um fato, sem dúvida. E muitas vezes nos é relatada em moldes tão desumanos quanto em outras sociedades⁶⁵.”

O verbo traduzido por comprar, é o verbo *qanah*, que significa uma transferência temporária do direito de posse. Quando um pobre fazendeiro toma um empréstimo com outro israelita, ele dá seus sapatos como um ato simbólico pela hipoteca em seu pedaço de terra. Incapaz de pagar sua dívida seja qual for o motivo, o devedor e torna-se servo do credor. A partir desse ponto, o credor passa a ter direito sobre a pessoa e sobre a sua porção de terra⁶⁶.

Aqui é a escravidão por dívidas, que fazia parte da economia do antigo Israel e todo antigo Oriente.

⁶⁴ DREHER, Carlos A. Escravos no Antigo Testamento. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, 1988a. p. 9.

⁶⁵ DREHER, 1988a, p. 24.

⁶⁶ REIMER, Haroldo. Agentes e mecanismos de opressão e exploração em Ámos. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Vol./No. 12, 1992. Disponível em: <<http://www.claiweb.org/ribla/ribla12/agentes%20y%20mecanismos.htm>>. Acesso em: 11 nov 2011.

Certo é que existiam duas formas de escravidão, os prisioneiros de guerra transformados em escravos e os escravos por dívidas, mas o que nos importa aqui é a escravidão por dívidas⁶⁷.

Como já falamos anteriormente, a forma dominante na sociedade era o tributarismo, no qual os dominantes se apropriavam de parte da produção dos camponeses como forma de tributo.

Quando o camponês não conseguia produzir o suficiente, era obrigado a tomar empréstimos, e quando não conseguia pagar, entregava membros da família como pagamento da dívida, gerando, então, a escravidão e o empobrecimento de israelitas livres.

Os versos 2 a 6 falam de escravos e sua liberdade no sétimo ano.

Os versos 7 a 11 falam das mulheres escravas, e como sua servidão seria duradoura, sendo-lhes concedido direito de resgate se seus direitos não fossem assegurados. Em caso de negligência de direitos, ela seria livre sem indenização.

A escravidão por dívidas supunha tempo indeterminado de escravidão, por isso a lei delimitou esse tempo para seis anos, e a “referida *libertação no sétimo ano constitui a possibilidade de um reinício para as pessoas endividadas e dependentes. Trata-se claramente de um tempo de graça*⁶⁸.”

Ao homem era dado o direito de liberdade no sétimo ano, mas a mulher seria escrava a vida toda, a não ser que não lhe fossem assegurados direitos como comida, roupa e ser mulher de somente um homem da casa, podendo então sair de mãos vazias. Mas a escravidão crescia cada dia mais, pois ao homem escravo poderia ser dada uma mulher, que provavelmente seria uma escrava por dívida, e durante o tempo ele acabaria por não querer ficar livre por amor à família que formara: mulher e filhos.

3) O *perdão de dívidas* → O perdão das dívidas é assunto tratado no Código Deuteronomico, ou seja, Dt 12.1-26.15, mas interessa-nos aqui somente Dt 15.1-11, assim descrito:

1 Ao fim dos sete anos farás remissão.

⁶⁷ DREHER, 1988a, p. 25.

⁶⁸ REIMER, 1999, p. 73.

- 2** Este, pois, é o modo da remissão: todo o credor remitirá o que emprestou ao seu próximo; não o exigirá do seu próximo ou do seu irmão, pois a remissão do Senhor é apregoada.
- 3** Do estrangeiro o exigirás; mas o que tiveres em poder de teu irmão a tua mão o remitirá.
- 4** Exceto quando não houver entre ti pobre algum; pois o Senhor abundantemente te abençoará na terra que o Senhor teu Deus te dará por herança, para possuí-la.
- 5** Se somente ouvires diligentemente a voz do Senhor teu Deus para cuidares em cumprir todos estes mandamentos que hoje te ordeno;
- 6** Porque o Senhor teu Deus te abençoará, como te tem falado; assim, emprestarás a muitas nações, mas não tomarás empréstimos; e dominarás sobre muitas nações, mas elas não dominarão sobre ti.
- 7** Quando entre ti houver algum pobre, de teus irmãos, em alguma das tuas portas, na terra que o Senhor teu Deus te dá, não endurecerás o teu coração, nem fecharás a tua mão a teu irmão que for pobre;
- 8** Antes lhe abrirás de todo a tua mão, e livremente lhe emprestarás o que lhe falta, quanto baste para a sua necessidade.
- 9** Guarda-te, que não haja palavra perversa no teu coração, dizendo: Vai-se aproximando o sétimo ano, o ano da remissão; e que o teu olho seja maligno para com teu irmão pobre, e não lhe dê nada; e que ele clame contra ti ao Senhor, e que haja em ti pecado.
- 10** Livremente lhe darás, e que o teu coração não seja maligno, quando lhe deres; pois por esta causa te abençoará o Senhor teu Deus em toda a tua obra, e em tudo o que puseres a tua mão.
- 11** Pois nunca deixará de haver pobre na terra; pelo que te ordeno, dizendo: Livremente abrirás a tua mão para o teu irmão, para o teu necessitado, e para o teu pobre na tua terra.

Esse conjunto de leis, considerando a evolução social e religiosa de Israel, veio a substituir o Código da Aliança.

O Código Deuterônômico apresenta, ao lado da alforria de escravos, a lei da *remissão de dívidas*, que se realizava ao final do sétimo ano, em que haveria uma remissão das dívidas acumuladas durante os anos anteriores.

O verbo *shemittah*, que normalmente é traduzido por remissão na Bíblia, literalmente significa “abrir mão”.

Os contratos de empréstimos naquela época eram registrados em tabuinhas de argila. Nesse caso, deixavam-nas cair e espatifar. Sendo assim, as dívidas nelas registradas ficavam esquecidas. Hoje ato equivalente seria rasgar notas promissórias e contratos.

Reimer⁶⁹ diz o seguinte:

⁶⁹ REIMER, 1999, p. 83.

Essa lei do *ano sabático* como *ano de remissão de dívidas* não tem paralelo anterior na legislação social de Israel. O Código da Aliança, que é o conjunto de leis mais abrangente e mais antigo antes do Deuteronômio, apresenta a lei do *ano de descanso da terra*. A lei do descanso da terra não tem continuidade no Deuteronômio, e, em seu lugar, surge a lei do *ano da remissão de dívidas*.

Dando continuidade, podemos ver que essa ordem de descanso não para aqui.

2.3 Jubileu

Agora vamos falar do **ano do jubileu**, que é assunto tratado no Código da Santidade, ou seja, Levítico 17 a 26, mas interessa-nos aqui somente Levítico 25.8-19, 23, 34, assim descrito:

- 8** Também contarás sete semanas de anos, sete vezes sete anos; de maneira que os dias das sete semanas de anos te serão quarenta e nove anos.
- 9** Então no mês sétimo, aos dez do mês, farás passar a trombeta do jubileu; no dia da expiação fareis passar a trombeta por toda a vossa terra,
- 10** E santificareis o ano quinquagésimo, e apregoareis liberdade na terra a todos os seus moradores; ano de jubileu vos será, e tornareis, cada um à sua possessão, e cada um à sua família.
- 11** O ano quinquagésimo vos será jubileu; não semeareis nem colhereis o que nele nascer de si mesmo, nem nele vindimareis as uvas das separações,
- 12** Porque jubileu é, santo será para vós; a novidade do campo comereis.
- 13** Neste ano do jubileu tornareis cada um à sua possessão.
- 14** E quando venderdes alguma coisa ao vosso próximo, ou a comprardes da mão do vosso próximo, ninguém engane a seu irmão;
- 15** Conforme ao número dos anos, desde o jubileu, comprarás ao teu próximo; e conforme o número dos anos das colheitas, ele a venderá a ti.
- 16** Conforme se multipliquem os anos, aumentarás o seu preço, e conforme à diminuição dos anos abaixarás o seu preço; porque conforme o número das colheitas é que ele te vende.
- 17** Ninguém, pois, engane ao seu próximo; mas terás temor do teu Deus; porque eu sou o Senhor vosso Deus.
- 18** E observareis os meus estatutos, e guardareis os meus juízos, e os cumprireis; assim habitareis seguros na terra.
- 19** E a terra dará o seu fruto, e comereis a fartar, e nela habitareis seguros.
- 23** Também a terra não se venderá em perpetuidade, porque a terra é minha; pois vós sois estrangeiros e peregrinos comigo.
- 34** Mas o campo do arrabalde das suas cidades não se venderá, porque lhes é possessão perpétua.

Esse texto mostra claramente a ordem de Deus novamente quanto ao descanso da terra, que é o chamado *ano do jubileu*. Porém, esse ano tão importante não era somente para descanso do povo e da terra, ia muito além disso.

O ano do jubileu é um ano após o sétimo ano sabático, portanto, o quinquagésimo ano, e, chamado também de ano pentecostal. Era um ano inteiro de alegrias e festas anunciado ao som de trombetas.

Mas por que tanta alegria e júbilo?

O ano do jubileu não representava apenas outro tempo de cessar o trabalho, mas também de descansar no Senhor, assim como no ano sabático.

A colheita do ano anterior sustentava o povo no ano subsequente.

Mas, além do descanso a cada seis anos, o **homem** e a **terra** também descansariam a cada quarenta e nove anos, portanto no quinquagésimo ano. Com isso, a colheita do quadragésimo nono ano deveria ser suficiente para dois anos, para o quinquagésimo e para o quinquagésimo primeiro, pois o que seria plantado no quinquagésimo primeiro só seria colhido no quinquagésimo segundo.

Em 587 a.C. o exército babilônico sob o comando de Nabucodonosor, tomou a cidade de Jerusalém, e, com isso, “os mais pobres da terra” acabaram ficando na terra. O povo de Israel passava então pelo *exílio*, ficando cativo na Babilônia por 50 anos. Em 538 a.C. o “decreto de Ciro” põe fim a essa situação oficialmente, autorizando o povo deportado a voltar para Jerusalém e Judá, iniciando uma fase de reencontro com sua antiga terra. Porém, nasce um conflito: a posse de terra entre os que retornaram do exílio e os que haviam permanecido nela, pois os que retornaram queriam a reintegração de suas antigas posses.

Brotam assim, nesse contexto, textos relacionados ao jubileu.

Jubileu provém da palavra *yobel* que significa “chifre de carneiro”, ou seja, uma espécie de berrante que se tocava para anunciar o ano do jubileu⁷⁰.

Para anunciar esse ano tão esperado entre os israelitas, havia o soar da trombeta no dia da propiciação. Esse soar da trombeta dava ao povo meio ano para se preparar, anunciando assim a chegada do quinquagésimo ano.

⁷⁰ GORGULHO, Maria Laura. O ano do jubileu. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 58, p.55, 1998.

Além disso, nesse ano os escravos de Israel adquiriam sua liberdade e todos voltavam à posse de seus bens, tanto os que os tinham alienado por motivo de pobreza quanto os que os tinham vendido.

A terra de Canaã foi toda dividida entre os filhos de Israel, ficando cada um com seu lote. E essa terra não podia ser vendida.

Porém, por motivos diversos, como pobreza ou enfermidade, muitos eram forçados a venderem suas terras, mas essa situação só permanecia até o ano do jubileu, essas terras não eram vendidas perpetuamente, só ficando em poder de seu comprador até o ano do jubileu.

Também muitos filhos de Israel, por questões de dívidas, tinham que entregar um dos membros da família para ser escravo a quem se devia alguma coisa, e essa situação também só permanecia até o ano do jubileu, pois nessa data todos os escravos adquiriam sua liberdade e voltavam para sua família.

Resumindo, o texto de Levítico propõe quatro ações ou atos essenciais no ano do jubileu, como descreve Reimer⁷¹:

1. *Descanso da terra* (Lv 25.1-7)
2. *Reintegração de posse da terra* (Lv 25.8-34)
3. *Proibição da cobrança de juros* (Lv 25.35-38)
4. *Libertação ou resgate de escravos* (Lv 25.39-55)

Porém, o ano do jubileu não se resume a isso. Vai muito além, e novamente esse ano que também pode ser chamado de descanso implicava diretamente no relacionamento entre Deus, a terra e o homem, além de outras implicações.

O ano do jubileu também representava um tempo de dependência do povo em Deus, pois eles descansavam e não plantavam nada. A terra também descansava, para que pudesse ser bem produtiva nos próximos anos. Deus assumia toda a responsabilidade do sustento de seu povo, pois eles somente teriam que ir até o campo colher e comer os alimentos frescos.

O jubileu era uma meta na vida dos israelitas, tudo girava em torno deste tão importante ano.

⁷¹ REIMER, 1999, p. 94.

O valor de venda de terras em Israel dependia de quanto tempo faltava para o ano do jubileu, pagando-se somente o valor correspondente a esse tempo, pois seria de propriedade do novo comprador somente até o ano do jubileu. Depois voltaria ao seu verdadeiro dono.

O ano do jubileu era muito importante para os israelitas, pois, em suma, Mackintosh⁷² diz:

O exilado regressa ao país, o cativo era libertado, o devedor perdoado, as famílias abriam seus braços para receber em seu seio os membros há muito tempo afastados, cada herança passava para a posse de seu antigo possuidor, o cativo escapava do cativo, os escravos deixavam as cadeias da escravidão, o homicida voltava para casa e os pobres e arruinados tomavam posse da herança perdida.

Tudo isso que acontecia no ano do jubileu, além de representar o período de descanso e dependência do povo para com Deus, era também para Deus mostrar ao povo que este não pertencia a este mundo, que a terra era de Deus e que o povo era considerado estrangeiro e peregrino na terra.

Cada semana o povo de Israel tinha de guardar o sábado; cada mês, o dia da lua nova; três vezes ao ano, as festas; cada sete anos, o ano sabático e a cada cinquenta anos, o jubileu.

Todos esses dias de festas eram como grandes sábados, instituídos por Deus para que o povo de Israel não se esquecesse dele.

Isso tudo se dava para que o povo dependesse de Deus de forma completa, pois isso, sim, faria com que não se esquecessem dEle.

Embora no passado Deus tenha feito muitos milagres, passava-se o tempo e tudo era esquecido. Deus livrara o povo de tantas coisas e perigos, mas ainda assim era esquecido novamente. Nem com tantas maravilhas o povo conseguia se firmar sob a dependência de Deus.

A dependência de Deus flui muito mais quando se passa por privações e situações difíceis, pois, quando se está na abundância, a probabilidade de se esquecer

⁷² MACKINTOSH, C. H. *Estudos sobre o livro de Levítico*. São Paulo: Depósito de Literatura Cristã, 2003. p. 274, 275.

de quem está proporcionando tudo é bem maior, e de achar que tudo que se consegue é fruto do próprio esforço do homem também.

3 A TERRA E A DIGNIDADE DO SER HUMANO

Um homem digno é alguém que respeita a si mesmo, que tem amor-próprio, decência e honestidade. E se tem tantos adjetivos para com ele próprio, com certeza os exercerá para com o próximo.

Pessoas dignas exercem um relacionamento mais harmonioso em sociedade.

Muitas coisas conferem dignidade ao ser humano, entre elas o trabalho e a terra.

O trabalho do homem para se sustentar com seu próprio esforço lhe confere dignidade, favorecendo seu crescimento e aperfeiçoamento moral e lhe conferindo um relacionamento relações sociais mais saudáveis, haja vista que o homem é um ser social e necessita desse convívio para uma vida confortável.

A fé, a esperança e a confiança em conseguir o que se deseja são aspectos que também promovem a dignidade do homem, pois mesmo que não tenha alcançado algo importante para sua dignidade, o levam a lutar por isso.

A Bíblia cultiva esperança por toda parte.

A Bíblia toda é norteadada por esperança, mas em quê? Conforme Milton Schwantes⁷³, terra, pão e vida são as maiores esperanças bíblicas.

3.1 A relação existente entre Deus, terra e humanidade na dignidade do ser humano

A dignidade humana proporcionada pela posse de terra não é uma questão nova, pois já acontece desde os tempos bíblicos.

E como Deus prometeu a terra à humanidade através de Abraão?

⁷³ SCHWANTES, 1989, p. 13.

Schwantes⁷⁴ explica que o que guiou Abraão e Sara numa trajetória tão difícil foi a esperança de uma promessa, a posse de uma terra que manava leite e mel, ou seja, a promessa de um lugar só deles, onde pudessem viver dignamente, obtendo dela seu sustento.

A terra era algo tão importante nesse período que é um dos assuntos de maior importância no quesito esperança bíblica, pois representava o chão para plantar, o que significava o sustento da família, o que garantia dignidade ao povo.

Portanto, é muito clara a relação intrínseca entre terra e dignidade, haja vista que a terra foi criada por Deus para o homem nela viver e habitar.

Depois de tantas lutas pela terra prometida, irem para o Egito, retornarem liderados por Moisés e terem que lutar novamente pela terra, Josué então, depois de conduzir o povo de volta à terra após vagarem pelo deserto durante 40 anos, divide a terra entre as tribos, como podemos ver no mapa 1 na página seguinte.

A Palestina era uma estreita faixa de terras ao sul da Fenícia, banhada pelo Mediterrâneo, mas extremamente árida, que tinha no Rio Jordão sua fonte de água. Porém, essa fonte era insuficiente para a formação de grandes canais e represas como no Nilo, no Tigre ou no Eufrates. Mesmo assim, a Palestina sempre foi disputada por vários povos por se tratar de uma região de passagem entre a Mesopotâmia, a África e a Ásia Menor⁷⁵, como podemos ver no mapa 1 na página seguinte.

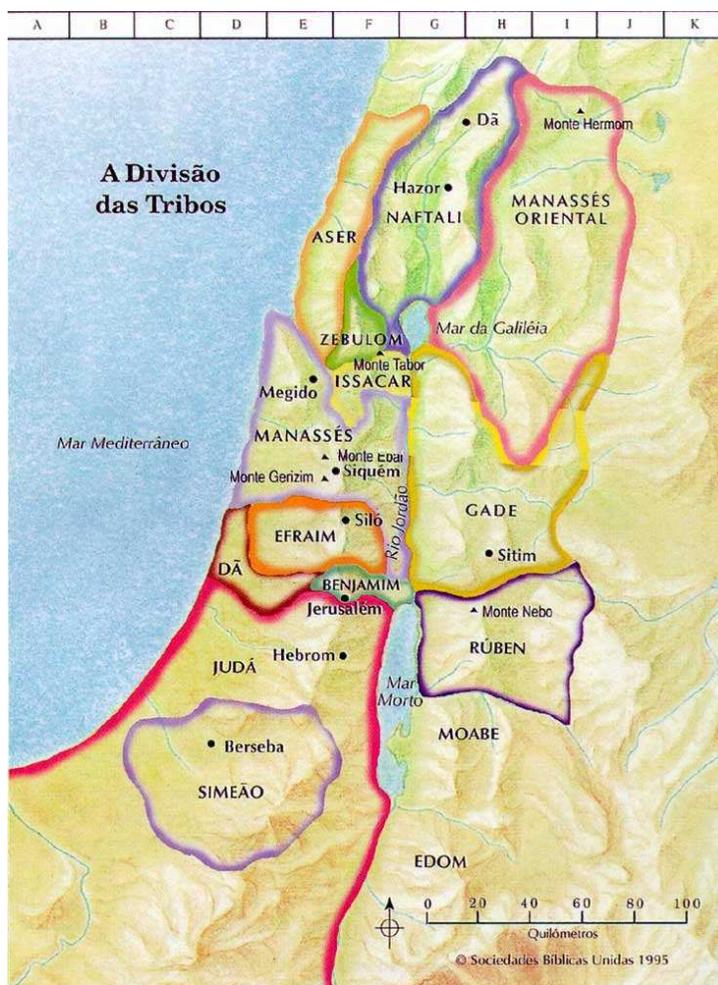
Então, vamos começar a refletir sobre esse problema a partir do momento em que o povo de fato teve posse da terra, quando esta é dividida entre as doze tribos de Israel.

Após a morte de Josué e dos anciãos, houve um período de anarquia, no qual o povo não obedecia mais aos mandamentos divinos. Por isso Deus escolheu algumas pessoas para governarem a nação como juízes, porém eles não eram simplesmente autoridades legais, eram líderes militares também, e julgavam conforme a lei de Moisés.

Esse período durou até a escolha do rei Saul, pois o povo começa reclamar para si um rei, findando assim o período dos juízes.

⁷⁴ SCHWANTES, 1989, p. 13.

⁷⁵ OS HEBREUS. Disponível em: < <http://impactonahistoria.blogspot.com.br/2012/02/os-hebreus.html>>. Acesso em: 27 mar 2012.



Mapa 1: A Divisão das Tribos⁷⁶

Durante esse período, destaca-se uma família que foi forçada a deixar seu lar em Belém, por causa de uma grande fome, instalando-se em Moabe: a família de Elimileque.

O livro de Rute acontece durante o período dos juízes e gira em torno de três personagens principais: Noemi, Rute e Boaz.

⁷⁶ Fonte: ARNOLD, Bill T.; BRYAN E. Beyer. *Descobrimo o Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999. p. 175.

Frequentemente o povo deixava sua terra por causa de miséria e fome, num desses períodos, Elimeleque vai com sua esposa Noemi e seus filhos Maalom e Quelion para Moabe. Lá, Noemi fica viúva e sozinha com seus filhos. Seus filhos se casam com mulheres moabitas, uma chamada Orfa e a outra Rute. Morreram também seus filhos e Noemi fica sozinha com suas noras. Quando Noemi soube que o Senhor fora em auxílio do seu povo, resolveu voltar para sua terra e propôs às suas noras que cada uma voltasse para suas famílias. Orfa obedece, mas Rute decide acompanhar Noemi para Belém.

Reimer⁷⁷ define o contexto histórico do livro de Rute da seguinte maneira:

O contexto histórico-social perceptível nas entrelinhas de Rute demonstra um tempo de fome, migração, pobreza e falta de esperança para viúvas. O povo perdia suas propriedades; os parentes mais ricos recusavam-se a ajudar os mais pobres. Morte, falta de futuro, sentimento de culpa diante de Deus estavam presentes também.

A sociedade era camponesa e a terra era objeto de transações financeiras, desafiando a lei. Existia uma elite dominante e uma classe de empobrecidos que respigava, sendo pessoas escravas ou assalariadas. O clã era a unidade básica da sociedade, mas não funcionava mais como deveria. Embora a lei assegurasse certos direitos aos pobres, alguns desses direitos (os essenciais) estavam sendo ignorados. A estrutura política não evidenciava a presença de reis, apenas juizes. As questões eram decididas no tribunal dos anciãos, à porta da cidade. A fé em Javé permeava tudo e a teologia da retribuição de Javé também estava em circulação. Os problemas básicos eram: terra, pão e família.

Qual era a real situação do povo que transparece no livro de Rute?

Vamos fazer uma entrevista⁷⁸ com Noemi. As respostas que ela dá foram tiradas do próprio livro de Rute e de outros livros bíblicos daquela época. Vamos conferir!

– *Dona Noemi, como é a situação do seu povo? Está dando para viver?*

– “A situação não é boa, não! Muita pobreza e muita fome! (Ne 1.3, 5.2, Rt 1.1). A maioria do nosso povo vive da terra, mas já não tem terra (Ne 5:5). E o pobre que ainda tem terra é obrigado a abandoná-la ou vendê-la, obrigado pela fome e pelos impostos (Ne 5.3-4, Rt 1.1). Eu mesma tive de colocar à venda um terreno da nossa família (Rt 4.3). Para não morrer de fome,

⁷⁷ REIMER, Ivoni Richter. *Economia no mundo bíblico*. São Leopoldo: CEBI e Sinodal, 2006. p. 36.

⁷⁸ MESTERS, Carlos. *Como ler o livro de Rute: Pão, família, terra*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991. p. 13-16.

muita gente vende seus filhos e suas filhas como escravos (Ne 5.5). Escravos para trabalhar na terra dos outros! (Rt 2:5-9) Já imaginou o que significa isso?"

– *Mas vocês não fazem nada para evitar essa desgraça?*

– "Fazer o quê? Nós, pobres, não temos recursos para nos defender contra os exploradores (Ne 5.5). Por exemplo, a lei diz que a sobra da colheita que fica no campo pertence aos pobres e não ao dono da terra (Lv 19.9-10). É um direito que Deus nos dá. Mas sabe o que acontece? O pobre só pode catar o restolho se o dono da terra der licença ou for favorável (Rt 2.2). Transformaram nosso direito em esmola! Quer outro exemplo? A lei diz que, quando alguém, por causa da pobreza, é obrigado a vender sua terra, então o parente mais próximo deve resgatá-la para evitar que a família fique sem terra (Lv 25.25). Mas sabe o que acontece? Os parentes ricos já não se importam com os irmãos pobres. Não cumprem a lei (Rt 4.5-6). As famílias vivem divididas (Ne 5.5). Quando o pobre, por causa do aperto, deve vender sua terra, não aparece parente para ajudar. Já não é como antigamente, no tempo dos Juízes. Hoje em dia, a família já não funciona. Se funcionasse, não haveria tanta fome nem tanta pobreza. Não acha?"

– *Então, a senhora acha que a causa do problema está na divisão das famílias?*

– "Olha, quando eu digo *família*, quero dizer *comunidade*. Outros dizem *clã*. Tanto faz! Nossas famílias são grandes e abertas. São várias famílias pequenas que vivem juntas, unidas numa grande família. Quase um povoado! Antigamente, no tempo dos Juízes, cada um ajudava o outro. Era obrigação sagrada! Ninguém deixava o irmão passar fome (Dt 15.7-8). Hoje em dia, mais nada disso! A necessidade dos pobres acabou com tudo! Ela está obrigando muita gente a migrar e a viver isolado e só, cada qual no seu canto (Rt 1.1). A grande família está dividida e enfraquecida (Ne 7.4). Olha, tem parente rico que deixa o irmão pobre morrer de fome, mas fica de olho na terra dele para aumentar o próprio latifúndio! (Ne 5.1-5; Rt 5.4-6). Vê se isto tem cabimento! É muito sofrimento e castigo de Deus em cima de nós, pobres! (Rt 1.13.21)."

– *A senhora tem alguma ideia de como é que vai acabar tudo isso?*

– "Em que vai dar tudo isso? Como é que eu vou saber? Vou contar um fato que aconteceu comigo, com a minha família, para você ter uma ideia daquilo que se passa com a maioria dos pobres. Olha, nós tivemos de abandonar nossa terra por causa da fome (Rt 1.1). Éramos quatro: meu marido, eu e nossos dois filhos. Não houve parente nem amigo que nos ajudasse. Migramos para o estrangeiro, para a terra de Moab (Rt 1.2). Foram dez anos, seu moço, que eu não pude voltar para a minha terra! (Rt 1.4). Nesse meio tempo, morreu meu marido (Rt 1.3). Meus filhos casaram com moças de lá. Estrangeiras! Teve gente de nossa religião que achou ruim comigo (Esd 9.2; 10.2.10; Ne 13.23-27). Mas como é que íamos arrumar uma noiva lá da nossa terra? Não dava! No fim, eles também morreram (Rt 1.5). Fiquei sozinha, numa terra estrangeira, com duas noras estrangeiras, por sinal muito boas, graças a Deus! Agora, somos só três mulheres! As três somos viúvas, todas pobres e sem recursos, sem marido e sem filhos! E assim que ficamos! E assim que ficou a maioria do nosso povo! Sem nada!"

– *Dona Noemi, uma última pergunta: quais são, na sua opinião, os maiores problemas do povo?*

– "Os maiores problema do povo? Eu já disse mais ou menos. E, em primeiro lugar, a fome, a pobreza. O povo não tem o que comer! (Rt 1.1; Ag 1.6). Um outro problema, eu acho, é a terra. O povo não tem recursos para defender a posse da sua terra. Os ricos se aproveitam da fome e até das leis para comprar a terra dos pobres (Ne 5.3-5; Rt 4.3-4). Um outro problema ainda, eu acho, é a família. Nós pobres já não conseguimos viver junto dos nossos parentes. A necessidade nos obrigou a viver divididos e espalhados, até no

estrangeiro (Rt 1.1; Ne 5.1-5). As nossas famílias, isto é, as nossas comunidades ou clãs, já não são uma força de fraternidade. Já não conseguem defender os direitos dos seus membros mais pobres (Ne 5.8). A exploração entrou para dentro das próprias famílias. Agora tem rico e pobre dentro da mesma família! Onde se viu? (Ne 5.7). Falta pão, falta terra, falta fraternidade! Parece um círculo vicioso sem solução! *É isso, seu moço! E vocês? Qual é a situação dos pobres no Brasil? Diferente da nossa?*

Precisamos destacar também os diversos projetos⁷⁹ para tentar resolver os problemas do povo, como por exemplo:

1. *O Projeto de Zorobabel e Josué*, que, com a ajuda dos profetas Ageu e Zacarias, tentaram reconstruir o altar e o templo de Jerusalém, uns 20 anos depois do retorno do cativo, pois pensavam que o sofrimento do povo era consequência e castigo de Deus por terem abandonado o templo em ruínas.
2. *O Projeto de Esdras*, o qual visitou Jerusalém uns 60 anos depois de Zorobabel, e que também pensava que o sofrimento do povo era castigo de Deus pelo relaxamento deles, por se casarem com mulheres estrangeiras e se apoderarem de costumes pagãos. Para resolver esse problema ele propunha reconstruir o povo na observância da lei de Deus, mas, para isso, precisariam observar melhor a lei de Deus e da pureza da raça e expulsar as mulheres estrangeiras e os filhos que delas tivessem nascido.
3. *O Projeto de Neemias*, na mesma época de Esdras, mostrava como ele era um homem bom e preocupado com os problemas do povo, pois exigiu dos exploradores que devolvessem aos pobres as terras roubadas e que perdoassem as dívidas acumuladas. Para isso, Neemias procurou reconstruir o povo na observância da lei jubilar.

Porém, nenhum desses projetos foi suficiente para resolver os problemas do povo, que se resumiam em pão, família e terra.

Para conseguirmos entrar nesse universo, precisamos fazer a leitura de Rute atentando para dois pontos:

- a. Leitura atenta a partir da realidade

⁷⁹ As descrições destes projetos estão em MESTERS, Carlos. *Como ler o livro de Rute: Pão, família, terra*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991. p. 17-18.

Existem vários fatos no livro de Rute que chamam a atenção do leitor, como por exemplo, o fato de não citar nem nomes de reis nem de sacerdotes, podendo-se inferir a opinião do autor sobre os projetos de Zorobabel e Josué para sanar os problemas do povo; chama atenção também o fato de admitir uma estrangeira para ser a nova mãe do povo de Deus, assim como foram Raquel e Lia; e também, o fato de como Boaz resolve o problema de Rute e Noemi, pois quem toma iniciativa são elas, ele somente executa.

b. O sentido escondido no nome das pessoas

Outro aspecto interessante é a questão do significado dos nomes dos personagens do livro de Rute, que revelam o que as pessoas são ou fazem dentro da história. Eis a lista dos nomes⁸⁰:

1. *Elimelec*, nome do marido, significa *Meu Deus é Rei*.
2. *Noemi*, nome da esposa, significa *Graça* ou *Graciosa*.
3. *Mara*, outro nome da esposa, significa *Amargura* ou *Amargosa*.
4. *Maalon*, nome do primeiro filho, significa *Doença*.
5. *Quillion*, nome do segundo filho, significa *Fragilidade*.
6. *Orfa*, nome da primeira nora, significa *Costas*.
7. *Rute*, nome da segunda nora, significa *Amiga* (ou *Saciada*).
8. *Booz*, nome do parente próximo, significa *Pela Força*.
9. *Obed*, nome do filho que nasce, significa *Servo*.

O livro de Rute mostra a luta do povo pobre em busca de seus direitos, mas os problemas persistiram⁸¹.

O livro mostra princípios de orientação para a reorganização de uma sociedade que havia sofrido abalos, do ponto de vista dos menos favorecidos, mostrando o caminho que deveriam trilhar para reconquistar o que haviam perdido, mostrando o caminho para a luta em vista do pão, da terra e da família.

Nesse período, havia leis que favoreciam os pobres, estrangeiros e viúvas.

A primeira é a Lei do Respigar, que é descrita em Deuteronômio 24.18-22:

⁸⁰ MESTERS, 1991, p. 21.

⁸¹ Essas contextualizações sobre o livro de Rute estão explicitadas em SILVA, Célio Laurindo da. *O livro de Rute e seu contexto histórico*. Disponível em: < <http://padrecelio.blogspot.com.br/2010/05/o-livro-de-rute-e-seu-contexto.html>>. Acesso em: 10 mar 2012.

18 Mas lembrar-te-ás de que foste servo no Egito, e de que o Senhor teu Deus te livrou dali; pelo que te ordeno que faças isso.

19 Quando no teu campo colheres a tua colheita, e esqueceres um molho no campo, não tornarás a tomá-lo; para o estrangeiro, para o órfão, e para a viúva será; para que o Senhor teu Deus te abençoe em toda a obra das tuas mãos,

20 Quando sacudires a tua oliveira, não voltarás para colher o fruto dos ramos; para o estrangeiro, para o órfão, e para a viúva será.

21 Quando vindimares a tua vinha, não voltarás para rebuscá-la; para o estrangeiro, para o órfão, e para a viúva será.

22 E lembrar-te-ás de que foste servo na terra do Egito; portanto te ordeno que faças isso.

A Lei do Respigar⁸² pode ser descrita como o processo de ajuntar tudo que os ceifeiros deixassem de juntar na safra, intencionalmente ou não. A lei de Deus para o povo quanto à colheita era específica, de forma que não colhessem completamente as beiras, não repassassem os ramos de oliveira nem ajuntassem as sobras, mesmo algum molho que tivesse sido deixado por descuido. A respiga, ou seja, apanhar as espigas deixadas no campo da ceifa era um direito dado por Deus ao pobre, ao aflito, ao forasteiro, ao órfão e à viúva, com forma de conferir-lhes o sustento.

Temos também a Lei do Resgate da Terra, que é descrita em Levítico 25.47-55:

47 E se o estrangeiro ou peregrino que está contigo alcançar riqueza, e teu irmão, que está com ele, empobrecer, e vender-se ao estrangeiro ou peregrino que está contigo, ou a alguém da família do estrangeiro,

48 Depois que se houver vendido haverá resgate para ele; um de seus irmãos o poderá resgatar;

49 Ou seu tio, ou o filho de seu tio o poderá resgatar; ou um dos seus parentes, da sua família, o poderá resgatar; ou, se alcançar riqueza, se resgatará a si mesmo.

50 E acertará com aquele que o comprou, desde o ano que se vendeu a ele até ao ano do jubileu, e o preço da sua venda será conforme o número dos anos; conforme os dias de um diarista estará com ele.

51 Se ainda faltarem muitos anos, conforme a eles restituirá, para seu resgate, parte do dinheiro pelo qual foi vendido,

52 E se ainda restarem poucos anos até ao ano do jubileu, então fará contas com ele; segundo os seus anos restituirá o seu resgate.

53 Como diarista, de ano em ano, estará com ele; não se assenhoreará sobre ele com rigor diante dos teus olhos.

54 E, se desta sorte não se resgatar, sairá no ano do jubileu, ele e seus filhos com ele.

55 Porque os filhos de Israel me são servos; meus servos são eles, que tirei da terra do Egito. Eu sou o Senhor vosso Deus.

⁸² Essa lei está resumidamente explicitada em BIBLIOTECA BÍBLICA. Respiga. Disponível em: <<http://bibliotecabiblica.blogspot.com.br/2009/06/respiga-rebusca.html>>. Acesso em: 29 mar 2012.

A Lei do Resgate⁸³ deve ser explicada de dois ângulos: o primeiro âmbito era quando alguém por motivo de pobreza fosse obrigado a vender suas terras, então seu parente mais próximo tinha a obrigação de resgatar essa terra, isto é, devia comprá-la de volta, não para si, mas para o parente pobre que corria perigo de perdê-la; e o segundo âmbito, era quando alguém, também por motivo de pobreza, fosse obrigado a vender-se a si mesmo como escravo, então seu parente mais próximo tinha a obrigação de resgatar essa pessoa, isto é, devia pagar para que seu irmão pudesse viver em liberdade. Este parente próximo, em ambos os casos, era chamado Goel, o que significa aquele que resgata – o resgatador.

E, por fim, a Lei do Levirato que é descrita em Deuteronômio 25.5-10:

5 Quando irmãos morarem juntos, e um deles morrer, e não tiver filho, então a mulher do falecido não se casará com homem estranho, de fora; seu cunhado estará com ela, e a receberá por mulher, e fará a obrigação de cunhado para com ela.

6 E o primogênito que ela lhe der será sucessor do nome do seu irmão falecido, para que o seu nome não se apague em Israel.

7 Porém, se o homem não quiser tomar sua cunhada, esta subirá à porta dos anciãos, e dirá: Meu cunhado recusa suscitar a seu irmão nome em Israel; não quer cumprir para comigo o dever de cunhado.

8 Então os anciãos da sua cidade o chamarão, e com ele falarão; e, se ele persistir, e disser: Não quero tomá-la;

9 Então sua cunhada se chegará a ele na presença dos anciãos, e lhe descalçará o sapato do pé, e lhe cuspirá no rosto, e protestará, e dirá: Assim se fará ao homem que não edificou a casa de seu irmão;

10 E o seu nome se chamará em Israel: A casa do descalçado.

A Lei do Levirato⁸⁴ pode ser explicada da seguinte forma: havendo dois irmãos, um deles morrendo sem deixar filhos, a mulher do morto não sairia para casar-se com um estranho à família, mas seu cunhado deveria ir até ela e tomá-la, cumprindo seu dever de cunhado. O primogênito a que ela desse à luz tomaria o nome do irmão morto, para que o nome deste não se apagasse em Israel. Aqui já não se trata da grande família, ou do clã, mas da pequena família. A Lei do Levirato obrigava somente os

⁸³ Essa lei está resumidamente explicitada em SILVA, Célio Laurindo da. *O Livro de Rute e seu contexto histórico*. Disponível em: < <http://padreclio.blogspot.com.br/2010/05/o-livro-de-rute-e-seu-contexto.html>>. Acesso em: 10 mar 2012.

⁸⁴ Essa lei está resumidamente explicitada em SILVA, Célio Laurindo da. *O Livro de Rute e seu contexto histórico*. Disponível em: < <http://padreclio.blogspot.com.br/2010/05/o-livro-de-rute-e-seu-contexto.html>>. Acesso em: 10 mar 2012.

irmãos, filhos do mesmo pai, e não os primos e outros parentes. Não era como a Lei do Resgate que ultrapassava os limites da pequena família e obrigava todos os parentes do clã a prestar ajuda aos irmãos que estivessem passando necessidade. O objetivo da Lei do Levirato era garantir a continuidade da família e impedir que, por falta de um herdeiro, a família se acabasse, seu nome desaparecesse e o seu patrimônio ficasse para outros. Se o cunhado recusasse desposar a cunhada, esta iria aos anciãos, na porta e diria: “Meu cunhado está recusando suscitar um nome para seu irmão em Israel. Não quer cumprir seu dever de cunhado para comigo”. Os anciãos da cidade o convocariam e conversariam com ele. Se ele persistisse dizendo: “Não quero desposar-la”, então a cunhada se aproximaria dele na presença dos anciãos, tirar-lhe-ia as sandálias dos pés, cuspiria em seu rosto e faria esta declaração: “É isto que se deve fazer a um homem que não edifica a casa do seu irmão, e em Israel o chamarão com o apelido de “casa do descalçado” (Dt 25.7–10)”.

Mesters⁸⁵ aponta uma causa para essa difícil situação: o fato de o povo ter solicitado um rei, e não mais querer viver somente sob proteção e autoridade de Deus. Deus rejeitou a ideia, mas não o pedido do povo, e disse em 1 Samuel 8.7: “Não querem mais que eu reine sobre eles!”

Independente da causa desse sofrimento, o fato era que as leis não estavam sendo cumpridas, e o povo continuava perdendo suas terras e sua dignidade.

A pessoa que estava precisando de ajuda, o pobre que perdera sua terra deveria insistir muito senão o parente que deveria ajudar, ou Goel, não o cumpria, e muitos agiam como se tivessem se esquecido dessa lei. Os parentes bem favorecidos financeiramente já não se importavam mais com os parentes pobres, como estava escrito na lei. Muitos conceitos que dantes eram tão cultivados no meio do povo foram desaparecendo, como ajuda e amor ao próximo, partilha de bens, fraternidade e cumprimento da lei.

Em suma, podemos verificar duas coisas: o clã estava se desintegrando e o direito do pobre estava se transformando em esmola e favor.

O clã estava se desintegrando porque não existia mais o sentimento de fraternidade e de partilha dos ricos em relação aos pobres, que muitas vezes se viam

⁸⁵ MESTERS, 1991, p. 24.

obrigados a vender suas terras por causa das dificuldades, e aqueles já não se importavam mais com isso. Muitos se aproveitavam dessa situação para enriquecer ainda mais comprando terras mais baratas.

O direito do pobre estava se transformando em esmola porque já não o tinham mais garantido, por exemplo, o direito de respigar, que agora já dependiam da boa vontade do dono da terra.

Eram muitos os problemas que afetavam a dignidade do povo naquela época, como a fome, a migração, a pobreza e o não cumprimento dessas leis citadas acima.

O livro de Rute propõe uma ampliação da lei, pois, no caso dessa família, a lei não poderia ser aplicada, e ela continuaria na miséria, pois Noemi não tinha mais filhos para se casar com Rute e preservar o nome e a linhagem da família, como se pode ler⁸⁶:

No livro de Rute se lança luz adicional sobre este assunto. Um homem de Judá, chamado Elimeleque, morreu, assim como seus dois filhos, deixando viúva a Noemi, e duas noras enviuvadas. Havia um homem mencionado na Bíblia como “Fulano”, que era parente próximo de Elimeleque, talvez irmão. Este, sendo o parente mais próximo, era o chamado *goel*, ou resgatador. Este se recusou a cumprir seu dever, mas tirou sua sandália e evidentemente a entregou a Boaz, deixando assim Boaz como o parente mais próximo que tinha o direito de resgate. Boaz comprou então a terra de Elimeleque, e assim tomou Noemi, mas, visto que Noemi era idosa demais para ter filhos, Rute, sua nora enviuvada, foi realmente aquela que se tornou esposa de Boaz, a fim de suscitar um filho para o nome de Elimeleque. Quando a criança, Obede, nasceu, as senhoras vizinhas disseram: “À Noemi nasceu um filho”, considerando a criança como filho de Elimeleque e Noemi. Boaz e Rute prestaram um serviço a Deus, o nome dado a seu filho significando “Servo; Servidor”. Yehowah abençoou este arranjo, pois Obede tornou-se antepassado de Davi e estava, portanto, na linhagem direta de Jesus Cristo.

Hoje, talvez até em maior proporção, há uma grande parcela da humanidade que vive à margem da sociedade: pobres, mendigos, indigentes, sem-terras e tantos outros grupos que são excluídos. E hoje também ocorre o fato do esquecimento das leis que beneficiam os pobres, e, por consequência, há tantas reivindicações, greves e lutas para que essas leis sejam cumpridas e a constituição do nosso país respeitada.

⁸⁶ Essa lei está resumidamente explicitada em BIBLIOTECA BÍBLICA. Casamento de Cunhado. Disponível em: < <http://bibliotecabiblica.blogspot.com.br/2009/07/casamento-de-cunhado.html>>. Acesso em: 10.

CONCLUSÃO

Em geral, não é comum se ver pesquisas feitas acerca do assunto tratado nessa pesquisa, que observem a relação entre os tópicos aqui pesquisados, ou seja, a relação entre Deus, terra e humanidade.

Exatamente por isso veio o despertar em relação ao referido assunto, e ainda mais, quando da leitura da obra de Alexander⁸⁷, principalmente quando faz o seguinte relato:

A importância do tema da “terra” em Gênesis decorre da relação especial que Deus estabelece entre o primeiro homem e o solo, relacionamento refletido em seus respectivos nomes, *'ādām* [homem]⁸⁸ e *'ādāmā* [terra]⁸⁹. Em harmonia com Deus, um é dependente do outro.

A partir dessa obra pode-se ver como esse assunto é vasto e cheio de particularidades a serem pesquisadas, principalmente por falar sobre a criação do homem e da terra, o objetivo de Deus com essa criação e ainda as três vertentes em torno das quais gira essa pesquisa: a relação entre Deus, terra e humanidade, a legislação de Israel em relação ao uso da terra e a terra e a dignidade do ser humano.

Os dados analisados no primeiro capítulo indicam a forma com que ocorre essa relação entre Deus, terra e humanidade, pois mostra o principal propósito da criação do homem e da terra.

Na primeira parte, a relação entre Deus e terra mostrou que Deus criou o homem para cuidar da terra, e, em contrapartida, a terra dava ao homem tudo que ele necessitasse para se sustentar e viver. O homem tirava da terra tudo para se alimentar, mas para isso ele deveria lavrar a terra e cuidar dela. Deus deu também ao homem o domínio sobre a terra, e o colocou no jardim do Éden para habitar e cuidar dele. Deus deu ao homem também a racionalidade, diferenciando-o dos outros seres.

⁸⁷ ALEXANDER, T. Desmond. *Do paraíso à Terra Prometida: Uma introdução aos temas principais do Pentateuco*. São Paulo: Shedd Publicações, 2010. p. 45.

⁸⁸ Acréscimo meu.

⁸⁹ Acréscimo meu.

Porém, diante da tentação, o homem preferiu pecar e desobedecer a Deus, tendo que sofrer as consequências de seu ato: perdeu a comunhão com Deus, sua natureza se tornou pervertida, e também, a terra se tornou amaldiçoada, tendo portanto, muita dificuldade para extrair dela o que antes tinha com tanta facilidade.

Quebrou-se, então, a harmonia do relacionamento entre Deus, terra e o homem.

A partir de então, os homens começaram a sofrer punições pelos seus pecados através da perda da terra, como no caso de Caim e depois no episódio do dilúvio.

Depois, com Abraão, Deus prometeu uma boa terra para ele e seus descendentes se o obedecessem, mas tiveram que lutar para conquistá-la.

Na segunda parte, na relação entre Deus e homem fica evidente essa racionalidade dada por Deus ao homem, pois o homem foi o único ser criado que recebeu a *imago dei*, ou seja, foi criado à imagem e semelhança de Deus.

Na terceira parte, na relação entre homem e terra, fica evidente a íntima relação existente entre o homem e a terra, principalmente pelo fato deste ter sido criado daquela, e ter sido nomeado senhor da terra, já mostrando a importância desta como lugar de habitação e sustento. Porém, esse senhorio só durou até a entrada do pecado no mundo, pois o homem perdeu grande parte de sua capacidade, não podendo exercer tal domínio. E o fato de ter sido criado da terra também foi evidenciado com a analogia feita entre os componentes químicos encontrados no corpo humano e na terra, dentre os quais muitos coincidem.

Diante de todos esses fatos, não é difícil verificar como é forte, íntima e consistente a relação existente entre Deus, terra e o homem.

Os dados analisados no segundo capítulo indicam que, apesar do homem ter escolhido pecar, ainda assim Deus manteve sua promessa de dar uma terra ao seu povo, e isso se dá pelo fato de Deus possuir dois atributos denominados Constância e Fidelidade. O primeiro evidencia que Deus é imutável, e o segundo que Deus é leal, firme e constante. Assim sendo, Deus não depende de nada nem de ninguém para fazer o que quer, Ele cumpre suas promessas.

Fica claro aqui também que, Deus começa a registrar suas leis para o povo, inclusive as leis para reger o uso da terra pelo povo.

Fica muito evidente também que, essa legislação está intimamente ligada aos conceitos de *sabá* e jubileu.

Foi observado que o *sabá* está ligado à criação de Deus, por isso o povo observava-o como um dia de descanso sagrado semanalmente. Porém, esse conceito evoluiu, passando a ser uma lei observada pelos judeus como o ano sabático, na qual o descanso se estendeu, não somente ao povo, mas também a terra, ocorrendo um ano de descanso após seis anos de trabalho. Implicou também na libertação de escravos e escravas independentemente do motivo que os levou a essa situação, tanto a escravidão dos prisioneiros de guerra quanto aos escravos por dívidas. Implicou ainda no perdão de dívidas.

Ficou entendido também que o jubileu foi uma extensão do ano sabático, que era um ano de descanso após quarenta e nove anos de trabalho, ou seja, um ano após o sétimo ano sabático. Implicou, além do descanso da terra e do povo, a reintegração de posse de terra, a proibição de cobrança de juros e a libertação ou resgate de escravos.

Em relação ao terceiro capítulo, os dados analisados mostram que essa relação entre Deus, terra e humanidade está intimamente ligada à dignidade do ser humano.

Percebe-se que existem muitas coisas que podem conferir dignidade ao homem, inclusive a posse de terra.

Verificou-se, através do livro de Rute, que existiam leis para evitar que o povo perdesse suas terras e a continuidade de sua descendência. Porém, muitas vezes essas leis não eram cumpridas da forma que deveriam ser, surgindo assim, muitas famílias pobres e que viravam escravas de famílias ricas por motivo de dívidas. A Lei da Respiga, proibia os ceifeiros de voltar ao campo para pegar os molhos ou sobras que haviam ficado para trás, a fim de ajudar os menos favorecidos; e, a Lei do Levirato, dizia que o cunhado deveria se casar com a cunhada após o falecimento de seu irmão caso não tivesse ainda descendentes, a fim de lhe suscitar herdeiros.

Diante dessas informações, fica claro que o clã estava se acabando e os direitos dos pobres e desamparados não estavam mais sendo respeitados⁹⁰.

⁹⁰ MESTERS, 1991. p. 16

Deus criou a terra para o homem. O homem foi criado da terra e à imagem e semelhança de Deus. O homem recebeu de Deus o domínio sobre esta terra. Por isso o homem tem uma ligação tão forte com a terra e com seu criador. Essa ligação fez com que a terra fizesse parte do homem, conferindo à este dignidade de vida.

Diante de tudo que foi abordado em torno da relação existente entre Deus, terra e humanidade, fica muito claro que existe, de fato, uma relação muito forte entre ambos. Deus é o criador do homem e da terra, Deus criou a terra para o homem e o homem para a terra, por isso ambos precisam um do outro, e um se completa no outro. Daí se vê, como consequência, a relação existente entre a posse de terra a dignidade do ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, T. Desmond. *Do paraíso à Terra Prometida: Uma introdução aos temas principais do Pentateuco*. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

ANTÔNIO, Luiz. *A Tricotomia Humana*. Disponível em: <<http://iprr.wordpress.com/2008/12/30/o-homem-corpo-alma-e-espirito/>>. Acesso em: 03 jun 2011.

ARNOLD, Bill T.; BRYAN E. Beyer. *Descobrendo o Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.

BIBLIOTECA BÍBLICA. Casamento de Cunhado. Disponível em: <<http://bibliotecabiblica.blogspot.com.br/2009/07/casamento-de-cunhado.html>>. Acesso em: 10.

BIBLIOTECA BÍBLICA. Respiga. Disponível em: <<http://bibliotecabiblica.blogspot.com.br/2009/06/respiga-rebusca.html>>. Acesso em: 29 mar 2012.

BURGE. Gary M. *A Bíblia e a Terra*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

BURIN, Aguielo. O Sábado, descanso do trabalho. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 11 , p. 76-82, 1988.

BÍBLIA. Português. *Bíblia on-line*. Tradução de Almeida Corrigida e Revisada Fiel. Disponível em: <<http://www.chamada.com.br/biblia/>>. Acesso em: 02 jun 2011.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Gênesis Bereshît: O livro dos princípios*. Rio de Janeiro: JERP, 2004.

CRONOLOGIA bíblica. Disponível em: <<http://www.sitedopastor.com.br/artigos/cronologia.pdf>>. Acesso em: 10 mai 2011.

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos: Da época da divisão do Reino até Alexandre Magno*. Volume 2. 4 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

_____. *História de Israel e dos povos vizinhos: Dos primórdios até a formação do Estado*. Volume 1. 4 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

DREHER, Carlos A. Escravos no Antigo testamento. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 18, p. 9-26, 1988a.

DREHER, Carlos A. O surgimento da monarquia israelita sob Saul. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 28, p. 57-70, 1988b.

DREHER, Carlos. O Trabalhador e o Trabalho sob o Reino de Salomão. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 11, p. 48-68, 1986.

ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. 3. ed. rev. e atual. Curitiba: Editora Positivo, 2004. 1 CD-ROM.

FISHER, Gary. *Grandes Promessas de Deus*. Disponível em: <<http://www.estudosdabiblia.net/d64.htm>>. Acesso em: 03 set 2011.

GIULIANI, Matheus Francisco. O trabalho – Realidade Bíblica. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 11, p. 32-47, 1988.

GARMUS, Ludovico. O descanso da terra: uma releitura de Ex 23, 10-11 e Lv 25, 1-7. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 58, p. 98-115, 1998.

GONZÁLEZ, Justo. *Breve dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.

GORGULHO, Maria Laura. O ano do jubileu. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 58, p. 43-59, 1998.

GOWER, Ralph. *Usos e Costumes dos Tempos Bíblicos*. São Paulo: CPAD, 2010.

ILÚMINA Gold. Versão 2.5. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000. 4 CD-ROM.

KIRST, Nelson et al. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. 22 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2009.

LAN, Dong Yu. *Como servir a Deus?* São Paulo: Editora Árvore da Vida, 1999.

LEIS no Antigo Testamento: Mitsvot. Disponível em:
<<http://solascriptura.ning.com/page/leis-no-at>>. Acesso em: 14 set 2011.

LOPES, Evandro de Souza. *Os Nomes Bíblicos e seus significados*. 15. ed. São Paulo: CPAD, 2008.

MACKINTOSH, C. H. *Estudos sobre o livro de Levítico*. São Paulo: Depósito de Literatura Cristã, 2003.

MESTERS, Carlos. *Rute: Comentário Bíblico do AT*. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Como ler o livro de Rute: Pão, família, terra*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

_____. *O Apocalipse: teologia da terra e da propriedade na Bíblia*. [S.l. [19--]. s.n.]. p. 1-14.

MITSVOT. Disponível em: <<http://solascriptura.ning.com/page/leis-no-at>>. Acesso em: 03 out 2011.

OLIVEIRA, Elias R. *PROFETAS, referências bíblicas*. Disponível em:
<<http://www.vivos.com.br/172.htm>>. Acesso em: 12 set 2011.

OLSON, N. Lawrence. *O Plano Divino através dos Séculos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

OS HEBREUS. Disponível em: < <http://impactonahistoria.blogspot.com.br/2012/02/os-hebreus.html>>. Acesso em: 27 mar 2012.

PONTES, João Paulo Fernandes. *Cronologia Bíblica*. Disponível em: <http://www.servosdejave.org.br/cronologia_biblica.htm>. Acesso em: 01 mai 2011.

_____. *O que é a Tora?* Disponível em: < http://www.servosdejave.org.br/o_que_e_a_tora.htm>. Acesso em: 20 set 2011.

QUAL É o elemento químico mais abundante no Universo? E na Terra? Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/qual-e-o-elemento-quimico-mais-abundante-no-universo-e-na-terra>>. Acesso em: 03 jun 2011.

REIMER, Haroldo. Agentes e mecanismos de opressão e exploração em Amós. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Vol./No. 12 , 1992. Disponível em: < <http://www.claiweb.org/ribla/ribla12/agentes%20y%20mecanismos.htm>>. Acesso em: 11 nov 2011.

REIMER, Ivoni Richter. *Economia no mundo bíblico*. São Leopoldo: CEBI, Sinodal, 2006.

REIMER, Haroldo. Leis dos Tempos Jubilares na Bíblia. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 58, p. 15-32, 1998.

REIMER, Haroldo; REIMER, Ivoni Richter. *Tempos de Graça: O Jubileu e as Tradições jubilares na Bíblia*. São Leopoldo: CEBI e Sinodal; São Paulo: Paulus, 1999.

ROPS, Henri Daniel. *A Vida Diária nos tempo de Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

SCHWANTES, Milton. *História de Israel*. 3. ed. São Leopoldo: Oikos, 2008.

_____. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 11 , p. 6-21, 1988.

_____. *Projetos de Esperança: Meditações sobre Gênesis 1-11*. Coleção Deus Conosco. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: CEBI; São Leopoldo: Sinodal, 1989.

SHERLOCK, Charles. *A Doutrina da Humanidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

SILVA, Célio Laurindo da. *O livro de Rute e seu contexto histórico*. Disponível em: <<http://padrecelio.blogspot.com.br/2010/05/o-livro-de-rute-e-seu-contexto.html>>. Acesso em: 10 mar 2012.

SOUZA, Marcelo de Barros; CARAVIAS, José L. *Teologia da Terra*. Petrópolis: Vozes, 1988. (Teologia e Libertação – Série V: Desafios da vida na Sociedade 4).

TCHAPÉ, Jean Bosco. A tomada de posse da terra de Canaã por Israel no livro do Deuterônômio. *Concilium*, Petrópolis, n. 320, vol. 2, p. 50-58, 2007.

TEIXEIRA NETO, Tiago Abdalla. *O Deus Imutável*. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/atributos_deus/Deus-imutavel_tiago-abdalla.pdf> Acesso em: 07 set 2011.

TERRA. Disponível em: <<http://www.if.ufrj.br/teaching/astron/earth.html>>. Acesso em: 03 jun 2011.

VAUX, R. de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

VITORINO, Edemar. *Deus Deseja Cristãos Proativos*. Disponível em: <<http://www.instituteffl.com/moodle/mod/resource/view.php?id=875>>. Acesso em: 29 ago 2011.

WIKIPÉDIA. Canaã. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cana%C3%A3>>. Acesso em: 02 jun 2011.

ZUCK, Roy B. *Teologia do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.